

Catia Hansel

SONÂNCIAS E ESCUTAS EM PAISAGENS EDUCATIVAS

memórias,
afetos
e criações

Catia Hansel

SONÂNCIAS E ESCUTAS EM PAISAGENS EDUCATIVAS

memórias,
afetos
e criações

| São Paulo | 2023 |



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H249s

Hansel, Catia

Sonâncias e escutas em paisagens educativas: memórias, afetos e criações / Catia Hansel. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-656-6

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.96566

1. Educação ambiental. 2. Arte. 3. Música. I. Hansel, Catia. II. Título.

CDD 363.7

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação ambiental

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-5939-655-9

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editores eletrônicos	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	Lifeforstock - Freepik.com, Catia Hansel
Tipografias	Swiss 721, Gobold High Bold, Gotham
Revisão	Catia Hansel
Autora	Catia Hansel

PIMENTA CULTURAL
São Paulo · SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

 **pimenta
cultural**
2 0 2 3

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fábrica Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehler Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jônata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzinski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Jacqueline de Castro Rimá <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Lucimar Romeu Fernandes <i>Instituto Politécnico de Bragança, Brasil</i>
Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Marcos de Souza Machado <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Michele de Oliveira Sampaio <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>
Catarina Prestes de Carvalho <i>Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil</i>	Pedro Augusto Paula do Carmo <i>Universidade Paulista, Brasil</i>
Elisiene Borges Leal <i>Universidade Federal do Piauí, Brasil</i>	Samara Castro da Silva <i>Universidade de Caxias do Sul, Brasil</i>
Elizabete de Paula Pacheco <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Thais Karina Souza do Nascimento <i>Instituto de Ciências das Artes, Brasil</i>
Elton Simomukay <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>	Viviane Gil da Silva Oliveira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Francisco Geová Goveia Silva Júnior <i>Universidade Potiguar, Brasil</i>	Weyber Rodrigues de Souza <i>Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil</i>
Indiamaris Pereira <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>	William Roslindo Paranhos <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



...

cantamos porque o rio está soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos

cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e naquele fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.

Mario Benedetti



AGRADECIMENTOS

São tantos seres, de épocas e regiões diferentes, que é difícil lembrar e colocar tudo aqui neste papel. Mas vamos lá!

Para começar, gostaria de agradecer a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC por me acolher no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e conseqüentemente ter tido a possibilidade de fazer este trabalho. A escolha não foi aleatória. Para mim teria que ser uma universidade federal, pela sua multiversidade de experiências e conhecimentos. Realmente este “ecossistema” chamado Universidade Federal nos proporciona uma gama de vivências e saberes, de encontros e de reflexões que nos possibilita, de inúmeras formas, o ato e a prática de fazer ciência. Os fatos comprovam e não há como negar que elas são as melhores. São públicas e de qualidade!

Por meio da UFSC conheci também meu orientador, o querido Leandro Belinaso. Sou eternamente grata por este encontro. Posso dizer que dentro do PPGE, a minha única opção de orientação seria ele, pois para o que eu me propunha a fazer enquanto pesquisa, não havia outra possibilidade. Leandro não só me acolheu como também me deu a oportunidade de fazer algo que tinha a minha cara, com a minha história, meus questionamentos, minhas dúvidas e minhas vontades. Sou muito grata a ele. Hoje o tenho como amigo e parceiro de caminhada nessas andanças da educação ambiental (EA) com arte.

Foi também com Leandro que conheci o grupo Tecendo, da qual sou grata pelas vivências que fizemos juntos. Muitas trocas e aprendizados através dos cruzamentos das pesquisas. De certa forma, mesmo com as particularidades de cada pesquisa, elas possuem conexões e pontos de encontros que contribuem para o processo de cada

um. Ariana, Cristiane, Sheila, Machaia, Ally, Vitor, Karina, Du, Douglas, Ivete, Ana e tantos outros... Gostaria de dizer que os encontros e as trocas foram de grande aprendizado e foram muito alegres também. Sou grata a todos!

Gostaria de agradecer as professoras e professores das disciplinas que cursei, e principalmente as minhas colegas da turma de Mestrado 2019 da Linha Eco (Educação e Comunicação). Michele, Letícia, Julianas, Luciana, Katiane, Dai e Denise. Nossa parceria e colaboração foram fundamentais para tornar esse processo de mestrado mais leve e fácil. Todas nós sabemos o quão difícil foi fazer nossas pesquisas em meio à pandemia.

Um agradecimento especial às professoras Raquel Stolf e Ana Preve da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Suas disciplinas engrandeceram muito esta pesquisa. Muito grata!

Um agradecimento especial a minha família, meus pais, irmãos e irmã, sobrinhos e sobrinhas, e noras. Em especial ao Bibó, meu irmão, companheiro de jornadas musicais, pelas trocas de músicas durante este período, pelas gravações de bateria que fizeram parte deste estudo e por todas as convergências e sincronia que temos.

Um agradecimento mais que especial a Eduardo e Tiago. Posso dizer que esta dissertação não seria possível sem a parceria, companheirismo, compreensão e paciência deles. Muita grata por vocês existirem em minha vida!

Como esta pesquisa trouxe a tona muitas memórias, não poderia deixar de agradecer os vários outros encontros que existiram ao longo desta trajetória dentro do campo da EA. Não sei se dou conta de lembrar, mas gostaria de agradecer a todas as pessoas e seres que fizeram parte da minha vida. Aos inúmeros companheiros de luta da EA, esta que mistura arte e meio ambiente em processos educativos.

Angela, Lara, José Matarezi, Renata Inui, Cleusa (que esteve do início ao fim acompanhando esse mestrado), Baiana, Lilian. Uma infinidade de amigos... Andrey, Deia, Lisa, Lu, Cris, Erika, Vanda... e muitos outros. Eles fazem parte e estão grudados em meu coração.

Um agradecimento especial aos Coralistas da FURG e a Janice Müller, que me deram a oportunidade de me lançar e de me maravilhar com este universo do canto coral.

A todas as pessoas que foram “cobaias” de minhas vivências de EA e paisagens sonoras e também de outras tantas atividades que realizei. Professores, alunos, lideranças comunitárias... Tantas e tantas pessoas que fizeram parte, ou melhor, que são parte de mim. Muito Grata!

Por fim, dedico este trabalho a todos os seres vivos e não vivos, que compõe e fazem parte deste planeta. Não seria inteira se não fossem também os inúmeros seres que me habitam e tornam o meu dia a dia mais sonoro e feliz. Para mim é um prazer conviver este tempo-espaço com tudo e com todos. Muito agradecida!

OM MANI PADME HUM

SUMÁRIO

Prefácio	15
Experimentações respiratórias	15
Apresentação	17
Capítulo 1	
Memórias de uma educadora ambiental metida a artista	20
Palavras	21
A menina do interior que foi em busca do mar	21
Uma andarilha pelas estradas da educação ambiental	26
O encontro da educação ambiental com a arte e a música	44
Imagens	55
A menina do interior que foi em busca do mar	55
Uma andarilha pelas estradas da Educação Ambiental.....	57
O encontro da EA com a arte e a música	60
Músicas	63
Memórias musicais de uma educadora ambiental metida a artista.....	63

Capítulo 2

A pesquisa em tempos de pandemia:

sobre os acontecimentos da vida e a imprevisibilidade dos processos.....	65
Uma pesquisa recheada de inconstâncias	66
Em busca de um espaço de escrita.....	70
Entre pausas, silêncios e escritas há devaneios pertinentes.....	72
A pesquisa como reflexo do que vivemos.....	75
Ensaaiando uma pergunta de pesquisa	80
Processos artísticos em tempos de pandemia.....	81
Diários como fonte de inspiração e criação.....	83
Diários de sons: a experiência de “musicar” a existência	87
Uma pesquisa contaminada por um vírus	88
Cartografia na pesquisa e na educação: derivas afetivas em composição	92
Entrando em cena: meus primeiros contatos com a cartografia.....	93
Estar no meio: da ideia outra de cartografia	95
Educação: a arte dos encontros e das experiências	98

Capítulo 3

Experimentações sonoras:

memórias, afetos e criações.....	102
Os silêncios e não silêncios da/na pandemia.....	103
Diários falantes: o que os sons e as palavras nos dizem	104

Infância à deriva	106
As sonoridades da educação ambiental	108
Considerações finais	109
E por que educação ambiental? Por que música? Por que arte?	113
Posfácio	118
Referências	120
Sobre a autora	125

PREFÁCIO

EXPERIMENTAÇÕES RESPIRATÓRIAS

Recebi com muita honra o convite de Catia Hansel para prefaciar seu livro. Uma obra repleta de escutas a nos solicitar atenção, cuidado, delicadeza. Temos diante de nós experimentações respiratórias, tecidas em palavras, em sons. Temos um livro sonoro, vivo.

Conheci Catia no dia de sua entrevista na seleção ao mestrado em educação da Universidade Federal de Santa Catarina. A última etapa do processo. Catia já havia passado pela prova e pela avaliação do seu anteprojeto de dissertação. Lembro de sair daquela entrevista com uma pergunta ressoando em mim. Como é possível um professor universitário, pesquisador atuante há muitos anos no campo da educação ambiental em suas articulações com os estudos culturais, desconhecer o vasto e intenso trabalho, também de anos, de uma educadora ambiental dedicada a pensar nas potencialidades da arte em suas práticas pedagógicas?

E, agora, este desconhecimento pode também ser aplacado por você, leitor. O livro dá a ver uma trajetória profissional de força, de potência, de sonho. Nos deparamos com o que pode um corpo movido pelo desejo de criar encontros solidários entre os humanos e os não humanos. Uma mulher-educadora que aposta na criação de um território-corpo sensível como vital para a consolidação de modos mais generosos de habitar o planeta.

Encontrar com a Catia, acompanhar seu processo de revisitação de sua trajetória e de criação de suas novas experimentações educativo-ambientais em consonância com a arte, me fez pensar no quanto nos afastamos, na academia, da educação ambiental ativada por uma multidão de educadoras espalhadas pelo Brasil mais profundo. Catia, e este livro resultante de sua dissertação, nos oferecem perguntas, aprendizagens, sensações. Trata-se de um livro que sensibiliza e emociona.

Catia compartilha através do livro suas experimentações sonoras, que preferi nomear no título deste prefácio como respiratórias. Isso para lembrar que seu processo criativo se deu durante um tempo de sufocamento, o da pandemia do novo, nem mais tão novo assim, coronavírus. Um tempo em que esperávamos pela vacina, nos isolávamos o quanto podíamos e assistíamos ao embrutecimento do cotidiano e ao falecimento de milhares de pessoas.

Este livro é uma lufada de ar vitalizante. Há nele uma generosidade com todos e com todas que participaram, com a Catia, seja uma professora de disciplina, uma colega de grupo de pesquisa, uma amiga, de suas aventuras. É muito bonito ver o desejo de estar junto ressoando em cada página.

Os diários da pesquisa falam. Músicas são ativadas. E experimentações sonoras acontecem. Desejo a você, leitor, um ótimo percurso de escuta.

Leandro Belinaso

APRESENTAÇÃO

Desde a graduação trago como questionamentos dentro das minhas investigações acadêmicas a importância de explorar outras abordagens de pesquisa, e desta forma, fortalecer e contribuir para processos aos quais acredito, trazendo para dentro deste universo, a diversidade, as singularidades, as singularidades, os afetos, as emoções, o movimento, a música, a arte.

Assumir a não dualidade entre teoria e prática e/ou a não separação entre a vida e a produção intelectual são aspectos importantes para uma pesquisa e, conseqüentemente para a ciência. Acredito que o aprendizado não esteja somente nos livros, mas também nas vivências e nas trajetórias percorridas. Entender metodologia como processo é fundamental e, considerar as subjetividades, os imprevistos, as incertezas e um monte de outras miudezas como parte disso também.

O conteúdo que integra este livro foi elaborado durante a pesquisa de mestrado em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC entre os anos de 2020 a 2021. Ele faz uma imersão nas experiências de vida e que são parte da minha atuação dentro do campo da educação ambiental. Foi juntando minhas paixões, música e natureza, que encontrei uma forma de fazer educação ambiental e trazer contribuições para este campo de pesquisa. As questões que reverberam dentro de mim são as mesmas que me provocam a pensar e a criar ações educativas, processos estes que sempre vêm articulados com os campos da arte e da música com as questões socioambientais.

É pela arte que penso a educação e, neste sentido, uma das questões que defendo nesta pesquisa é a importância desta como área de conhecimento, tanto quanto ou até mais relevante, considerando o momento atual. A arte como resistência e luta. A arte como

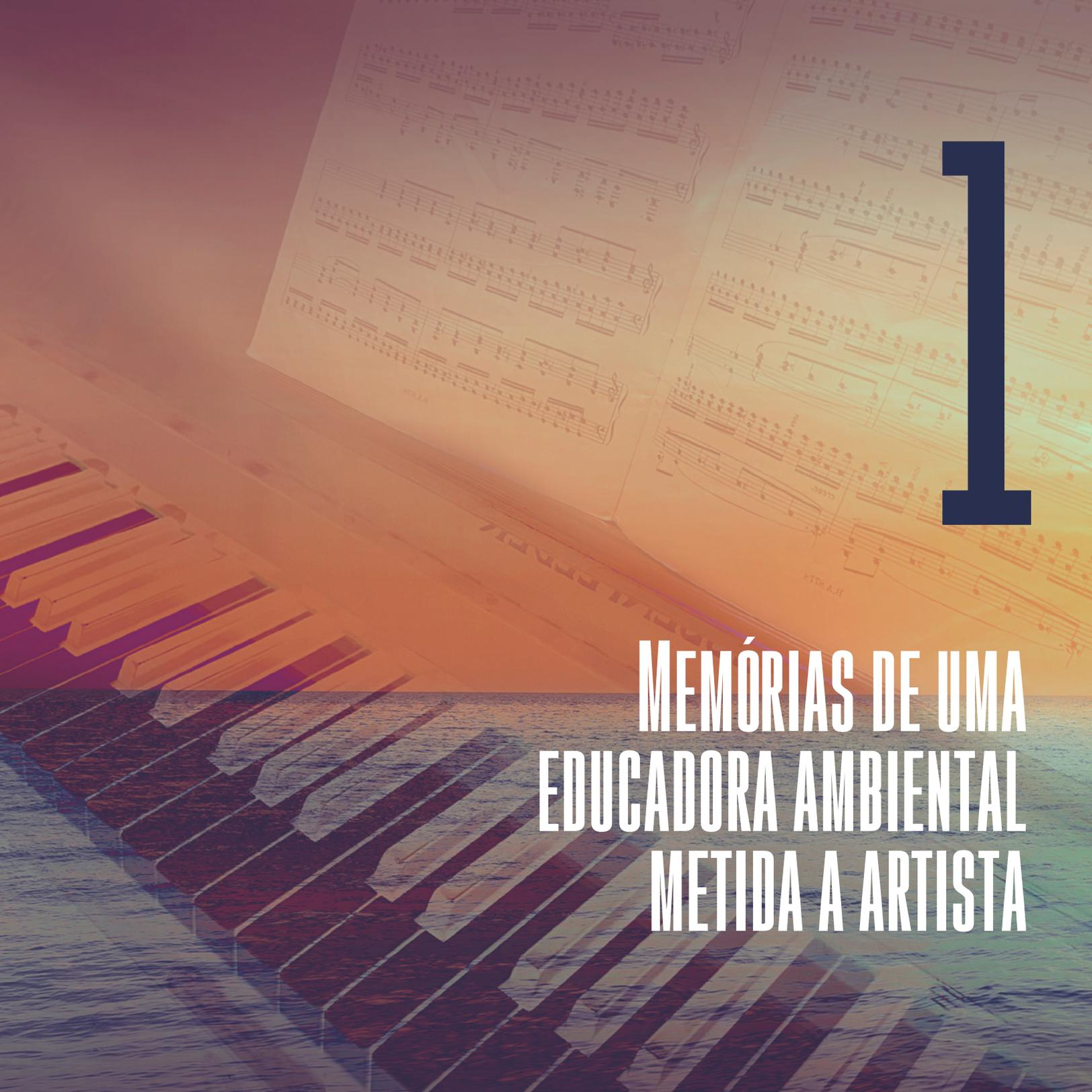
potência para uma educação mais viva, mais sensível, abrindo espaço para a intuição, para a expressão, para a liberdade e a criatividade. A arte como um caminho e uma possibilidade para outras experiências estéticas que se expressam no cotidiano das pessoas e grupos e que se transformam em aprendizados significativos.

Revisitando os arquivos da minha própria história, trago as minhas práticas pedagógicas como um reflexo da minha própria busca e expressão pela arte, mais especificamente, pela música. Nessa caminhada procuro tecer algumas reflexões sobre o tempo presente e também experimentar novos processos formativos e artísticos.

Vivemos sedentos por outros olhares, outros caminhos, outras formas de comunicação, outras maneiras de ser e estar no mundo. Outros cheiros, gostos, sons. Outras músicas e outras paisagens sonoras. A pandemia escancarou muitas faltas e necessidades, e também daquilo que realmente não precisamos, e nesta carência, a arte e a cultura mostraram suas importâncias. Como diz Marina Lopes e Gomes, é fundamental “pensar em que medida a arte poderia ajudar a libertar a ciência e as informações de suas amarras” (GOMES, 2019, p.43). Acredito nisso! Acredito num repensar a educação através da arte, numa renovação de cores, gostos e saberes. Um trabalho em sintonia com o grupo de pesquisa “Coletivo Tecendo: cultura, arte e educação” da UFSC, que trazem como questões de pesquisa, a diversidade, as experiências de vida e a arte como fundamentais para pensar os processos de pesquisa em educação.

Eu sempre quis fazer arte, mas foi na educação que encontrei meu lugar, uma educadora que busca nas sonoridades e na música uma forma de se relacionar, de aprender e ensinar. Para mim a música tem outra sensibilidade, acessamos outros campos de realidade, e quando pensei em trazê-la para dentro do universo da educação foi para provocar uma outra maneira de se relacionar com o mundo e a vida.

É assim que vejo esta pesquisa, uma investigação entre sonâncias e escutas, experimentando músicas e sons em paisagens educativas. Evidenciar a importância do silêncio e da criação de espaços para ouvir os outros, não só os seres humanos, mas todas as coisas, objetos e seres que nos habitam. Escutar e sentir os processos, assim como as pausas de uma música que são responsáveis pela composição desta. Buscar na arte pequenos lampejos que possam iluminar o universo da Educação.



1

**MEMÓRIAS DE UMA
EDUCADORA AMBIENTAL
METIDA A ARTISTA**

PALAVRAS

A MENINA DO INTERIOR QUE FOI EM BUSCA DO MAR

Ao som de Moddy Blues volto a um tempo passado. Sentada na sala da casa dos meus pais, recordo de momentos da minha infância e juventude que reforçam ainda mais a minha ligação com a natureza e que me fez ser educadora ambiental anos depois.

Foi ouvindo um som que meu irmão colocou que me fez voltar a este tempo. Moddy Blues foi uma das bandas que ouvia naquela época, e a sala ao qual eu “retornei” era outra, uma onde muitas músicas foram ouvidas e muitas conversas entre amigos foram vividas. Uma sala em que tínhamos um aparelho de som, vários vinis, livros, uma bateria que meu irmão tocava, meu piano e um pelego. Um tempo repleto de sonoridades.

Sempre no período das férias de final de ano, nossa família, meus irmãos e irmã, sobrinhos e sobrinhas, ficamos todos juntos convivendo na casa de meus pais, um sítio no interior da cidade chamada Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul. Nestes encontros acabo revivendo sensações e recordações do período em que morávamos todos ali.

Ao me recordar de quando comecei a minha paixão pela ecologia e pela natureza, lembro de uma ruptura em minha vida, a saída da cidade para morar neste sítio aos 12 anos de idade mais ou menos. Lembro-me de no início odiar e um tempo depois amar. Este odiar hoje soa mais como uma sensação, pois o amar foi mais forte. Talvez esta mudança de ambientes diferentes (rural e urbano) tenha me causado esta sensação “ruim”, pois antes eu tinha contato com muitas crianças na rua onde morava e, na área rural, esta relação ficou limitada e condicionada a meus pais terem que me levar até a cidade.

Aos poucos a adaptação a este novo ambiente, às novas brincadeiras ao ar livre e na natureza foram me preenchendo de alegrias. Nadar nas enchentes, caminhar em cima das boiadeiras, tomar banho nos valos de irrigação das plantações de arroz, nos arroios pendurados nos cipós, correr na chuva e pular nas poças. Para quem não sabe, as boiadeiras eram uma espécie de tapete de gramíneas que boiavam ao sabor dos ventos, navegando para lá e para cá no açude enorme localizado neste sítio onde morava. Estas boiadeiras eram um local em que muitos animais viviam, serviam de abrigo para aves migratórias, ratões do banhado e em algumas circunstâncias até jacarés, o que tornava esta aventura de caminhar nas boiadeiras ainda mais instigante, para não dizer apavorante.

A cidade de Venâncio Aires até hoje é dominada economicamente pela produção de tabaco, e desde que fui morar no sítio comecei a observar as relações de poder entre os agricultores e as empresas tabacaleiras, pois convivi diretamente com a cadeia produtiva do tabaco. Meu pai era engenheiro agrônomo e trabalhava numa destas multinacionais do tabaco, ele intermediava as relações entre a empresa e os produtores rurais.

Os agricultores desta região, produtores de fumo em sua maioria, fazem uma espécie de acordo de exclusividade com as empresas e, desta forma, elas fornecem os insumos e estes produtores,

por exemplo, só podem vender a sua produção para esta empresa. O risco de perda da lavoura é do agricultor e se a qualidade do fumo for baixa ele recebe menos, sem contar de que é a própria empresa que classifica a qualidade do fumo.

No nosso sítio também se plantava fumo e eu, de vez em quando, ia na roça junto com a família do caseiro colhê-lo. Trabalhava-se o ano inteiro para se ganhar o montante uma vez por ano. O processo de plantio, colheita, secagem e classificação do fumo é exaustivo, sem contar o contato direto com os agrotóxicos que são usados nesta produção. A cidade de Venâncio Aires já esteve, por exemplo, nas estatísticas de maior suicídio rural do Brasil, pois é claro que a corda sempre arrebenta nos mais fracos, neste caso, os agricultores produtores de fumo.

Esse conjunto de brincadeiras e de marcas de uma vida cotidiana em um ambiente rural determinou todo um estilo de vida, de ritmo, de gostos, de postura e de visão de mundo. De filha de um agrônomo plantador de fumo surgiu uma ambientalista defensora do não uso de agrotóxicos e contra o cigarro e a produção de fumo. E mais que isso, uma pessoa que gosta de viver em meio à natureza, buscando observar e respeitar as relações entre os seres vivos.

Um outro aspecto que considero relevante expor é a minha paixão pela música.

Ao pensar em minha trajetória de vida e sua relação com a música percebo uma sincronia, como se a música tivesse adentrado em meu corpo e fosse acompanhando os momentos e experiências vividas por mim, tendo a cada momento uma música, um estilo ou uma forma musical diferente.

Aos 9 anos comecei a frequentar aulas de piano, vindo a tocar até os 27 anos. Minha família nunca teve muito contato com a arte em geral. Lembro de ganharmos um aparelho de som pequeno e dois vinis

que escutávamos, eu e meu irmão, incessantemente. Com o piano comecei a me despertar para a música, aprender a tocar um instrumento musical e a ler partituras. Nesta fase, era como uma criança, simplesmente aberta a um aprendizado gostoso num ritmo mais suave, melodioso, refletido em como foi a minha própria infância: tímida, tranquila e repleta de imaginação. Eram os primeiros passos, como um dedilhado dos dedos descobrindo caminhos. E no repertório, autores como Villa-Lobos, Ernesto Nazaré, Lorenzo Fernandes eram os meus preferidos, mas também tinha Bach, Mozart e Beethoven quando comecei a ter mais habilidade no instrumento.

Já na adolescência eu continuava a me descobrir no piano (de forma mais intensa), mas também percorrendo outras estradas musicais. Junto à rebeldia da época, o rock entrou em minha vida. Foi meu irmão que me apresentou estes sons diferentes que se encaixaram perfeitamente com a ebulição que acontecia dentro do mim. Foram muitas, muitas, mas muitas escutas onde eu passei minha adolescência me descobrindo por meio do universo sonoro. O rock, nas suas mais variadas formas e estilos, me transformou, me mostrou uma outra maneira de ver a vida: com descontração, intensidade, abertura e com um toque de rebeldia para não se enquadrar nos padrões impostos. Mutantes, Ira, Titãs, Engenheiros do Havaí, Legião Urbana, Terço, Casa das Máquinas, ..., Yes, Pink Floyd, Led Zepelin, Fleetwood Mac, Jethro Tull, The Who, ..., eram intensas todas as sonoridades!

Por que ler se eu podia ouvir? Nunca tive muito o hábito de ler, em compensação de ouvir música, sim. Em termos de literatura me recordo de alguns poucos livros. Lembro-me de na infância gostar das histórias sobre "*As aventuras de Robson Crusóé*" e também de olhar e ler muito uma coleção de livros chamada "*Mundo das crianças*". Na juventude me recordo de um único livro que me marcou bastante, o "*Blecaute*" de Marcelo Rubens Paiva e, mais tarde, os livros de Carlos Castañeda.

Como nunca soube escolher entre estas duas áreas, a música e o meio ambiente, resolvi abraçar ambas. Isto me levou a fazer duas graduações: oceanologia e música, esta última não finalizei. Aliás, outra grande paixão, o mar, influenciado na infância por Jacques Cousteau.

É interessante pensar no quanto os filmes influenciam e se tornam parte de nossa memória mais afetiva. Eunice Kindel, que investigou sob a ótica dos estudos culturais as representações de natureza no cinema, enfatiza que as produções fílmicas “vêm atuando de forma decisiva na construção de identidades” (KINDEL, 2003, p. 34).

Eu era muito pequena quando passavam os programas de Jacques Cousteau, um aventureiro e oceanógrafo francês, que produzia documentários sobre a vida em meio à natureza, sobretudo, para alguns canais de televisão. Eu não tenho lembranças disto, mas ele fez uma espécie de *print* em minha memória, pois o gosto pela água se misturava com a imaginação da infância e isto virou um misto de brincadeiras com seres aquáticos e a vontade de ser oceanógrafa aos 6 anos de idade. Mesmo que naquela idade eu não tinha muita noção de que havia uma profissão específica para trabalhar com os oceanos.

Segundo Kindel (2003, p. 45) “as produções fílmicas [...] devem ser vistas como construtora de significados, de realidades, de sujeitos e de formas de entender a vida”. Para uma criança, estas referências se tornaram especialmente marcantes influenciando todo um gosto pelas águas e pelos oceanos.

Lembro-me de estar na piscina quando criança, vivendo em um mundo interno, imaginário, e assim eu ficava me sentindo como um animal aquático, mergulhando e vivendo embaixo d’água. Na praia, a mesma coisa, sempre dentro d’água e nunca querendo sair.

Água em geral sempre me atraiu, tanto que os esportes aquáticos são meus preferidos: natação, mergulho, pegar ondas e ou furar elas. Todos os anos íamos a praia nas férias, desde quando eu era

bem pequena. Para uma criança de pele clara isto era um problema, pois eu não queria sair da água e ficava com queimaduras que muitas vezes me faziam chorar.

Em razão de todos estes elementos que compõem minhas paixões, posso dizer que foi se criando em mim um gosto pelas misturas, pelas conexões: música, natureza, mar, sentimentos, imaginação. As brincadeiras de infância em um ambiente rural, as idas a praia, as aulas de piano, as muitas horas de escutas musicais na salinha deitada no pelego, me transformaram no que sou hoje, uma educadora ambiental continuamente imersa em ficção e arte.

Estar perto da natureza, das áreas naturais e também da arte e da música sempre foi e fez parte da minha trajetória de vida, de ser humano e de profissional, pois não consigo distinguir entre o que faço e o que sinto, ou o que me move e o que faz sentido para mim. Buscar o mar, além do sentido literal, é também a busca por algo desconhecido, um mistério, uma profundidade que vai além... é se jogar e mergulhar! Por isso, a menina lá do interior que gosta de desafios se aventurou a conhecer outros mundos, outras sensações e amizades, muitas amizades, amores para uma vida toda. Parafrazeando Francisco El Hombre, “o meu lar encontrei nas pessoas que amei”. Esta sou eu, um misto de terra e água, de ação e emoção, de pesquisadora e educadora, ambientalista e artista, e... muitas outras coisas!

UMA ANDARILHA PELAS ESTRADAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Vai ser difícil falar de tudo, lembrar de tudo, afinal são 25 anos de atuação nesta área, este campo de saberes e de práticas nomeado Educação Ambiental (EA), e que mais parece uma metamorfose

ambulante. Foram muitas experiências, de diversas formas, contextos e realizadas em regiões diferentes. Mas vejo algo em comum entre todas elas, nunca trabalhei com uma receita de bolo pronto. Minhas atuações sempre foram pensadas e criadas de acordo com o cotidiano em que me enredava e com os objetivos que pretendia que se tornassem vivos, e o melhor, com o que sentia ser necessário fazer.

Vou aqui contar um pouco das práticas pedagógicas em educação ambiental às quais me embrenhei, pois as considero vitais à minha formação e que determinaram uma visão de mundo mais sensível às problemáticas socioambientais.

Foi durante o curso de graduação em Oceanografia, iniciado na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI em Santa Catarina, que descobri a educação ambiental. Eu era uma jovem estudante, isso em 1995, e ouvia falar desta tal de educação ambiental trazida como uma necessidade e uma “certa solução” para resolver as questões ambientais. Eu não sabia direito o que isto significava na prática. O que despertava em mim era uma percepção de que para cuidar e “preservar” a natureza e os animais era necessário atuar junto às pessoas, realizando atividades educativas que ressaltassem a importância da preservação ambiental.

Não existiam muitas referências de leituras as quais eu tivesse acesso neste início. Os aportes teóricos vieram quando comecei a atuar efetivamente. Em compensação, os repertórios musicais só se ampliavam. Junto ao curso de oceanografia conheci mais de perto o Reggae, principalmente advindo de artistas como Bob Marley e Peter Tosh.

Meu primeiro projeto de EA foi uma aventura e uma descoberta ao mesmo tempo. O projeto Carona Brasil - Embarque na Educação Ambiental surgiu como uma forma de viabilizar a viagem de 2 jovens aventureiros, um casal de namorados que queriam conhecer o Brasil. Desta forma, decidimos viajar pelo Brasil de carona visitando instituições, universidades, unidades de conservação e órgãos ligados à área

ambiental para investigar as iniciativas de EA da época. Além disto, a ideia era conhecer a realidade brasileira, as regiões, a cultura e principalmente as pessoas, conectar, dialogar e falar da importância da EA.

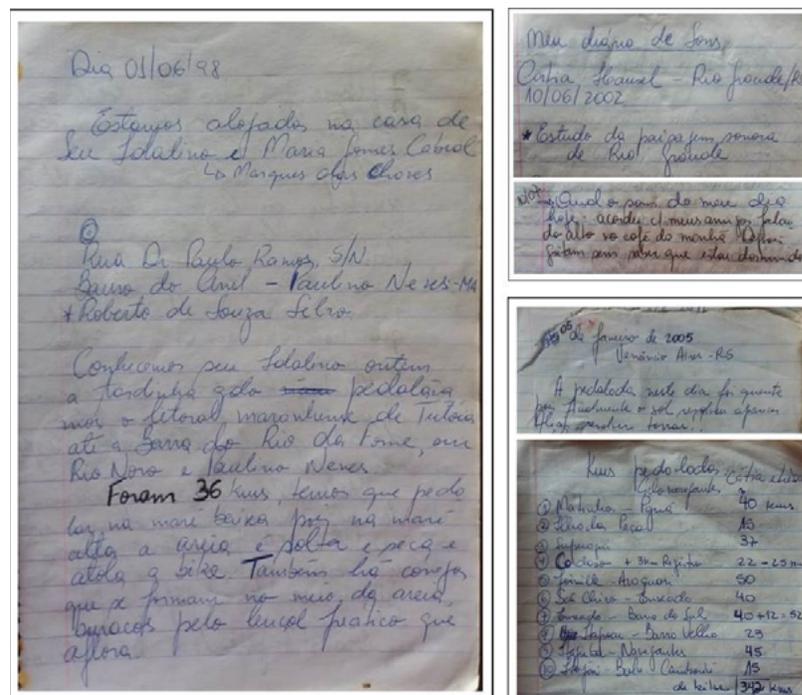
Sem grana e com mochilas nas costas, viajamos o Brasil por cinco meses de carona, numa primeira viagem em 1996, realizando uma espécie de mapeamento empírico de iniciativas de EA nas regiões por onde passávamos. Em 1997, virou um projeto mais estruturado de extensão da universidade. Além do mapeamento, palestras e oficinas surgiram, e uma viagem de bicicleta dupla também, outra aventura de oito meses de duração de Itajaí ao Norte, indo até Manaus e retornando a Santa Catarina novamente.

Uma das maiores experiências da minha vida. Duas viagens: uma de carona pelo Nordeste e outra de bicicleta até o Norte do país, 545 caronas e 5 mil quilômetros pedalados. Neste projeto adotei uma prática que uso até hoje, os diários. Toda a viagem, como foi, onde estivemos, com quem conversamos, o que aconteceu, sensações, tudo registrado em meus diários, e claro, registros fotográficos, muitos contatos, materiais recebidos, reportagens feitas em jornais e TV, palestras e oficinas realizadas. Foi assim que começou a minha história com a EA, foram 5 anos de projeto, que se encerrou com o término da relação também.

Foi por meio do Projeto Carona Brasil que tive a oportunidade de conhecer o Brasil, as diversas realidades, interior e litoral. Durante a viagem, acampando em postos de gasolina ou em povoados nas casas de pessoas até então desconhecidas, simplesmente me transformou como pessoa. A timidez foi embora na marra, pois eu precisava falar com as pessoas, pedir informações, oferecer atividades e ou articular parcerias. Conheci o litoral Nordestino em parte caminhando; a Amazônia; permanecemos em comunidades isoladas e vilas de pescadores; fizemos inúmeros contatos com órgãos ambientais; visitamos Unidades de Conservação como Ilha do Bananal, Chapada dos Veadeiros, da Diamantina, Terra Ronca, Lençóis Maranhenses, Jalapão, entre outras; atuamos junto

a Universidades Federais e projetos de conservação como o Peixe-boi em Alagoas e Piauí. Nas universidades ficávamos em geral na Casa dos Estudantes e interagíamos com diversos alunos e professores.

Figura 1 – Trechos de três diários meus



Fonte: 1998 Projeto Carona Brasil, viajando de bicicleta pelo Nordeste; 2002 diário sobre o processo de pesquisa da monografia e 2005 diário de uma pedalada feito com uma amiga pelo litoral norte do Paraná e litoral sul de São Paulo.

Tenho muitas lembranças destas experiências. Uma característica interessante deste projeto foi a abertura, pois as parcerias vinham de diversas áreas: uma hora por meio de algum curso ligado a uma universidade, outra hora de um órgão ambiental, secretarias de saúde também, e assim íamos, interagindo em eventos participativos, realizando palestras sobre nossa experiência na viagem, nas casas

de comunidades orientando para questões ambientais e de saúde principalmente, ou até ajudando as crianças nos exercícios escolares.

As primeiras referências teóricas vieram por meio deste projeto, pois recebemos muitos materiais didáticos, livros, muitos na área ambiental, mas também livros e textos de literatura e que abordam aspectos sociais e culturais. Foi a partir daí que comecei a ter acesso às primeiras leituras no campo da EA.

Lembro de ganharmos uma cópia do Relatório das Nações Unidas, datado em 1990, intitulado “*Cuidando do Planeta Terra*”. Foi uma das primeiras leituras que me recordo e que aborda o cenário mundial sobre a problemática socioambiental causada pela civilização humana. Os demais escritos que tive acesso, em sua maioria eram relatórios, não publicados, das instituições e pessoas que tivemos contato. Naquela época não era muito comum a publicação de artigos, principalmente em meios não acadêmicos. Mas foram ótimas referências da atuação em EA no Brasil daquela época.

Foi neste caldo multicultural e de experiências diversas por meio de um projeto que as misturas também se enraizaram. Era um projeto de pesquisa, mas, ao mesmo tempo, uma descoberta pessoal. Nunca vou me esquecer da sensação de sentir o vento no rosto quando estava pedalando, descendo uma ladeira; daquele sol escaldante do interior do Nordeste que nos obrigava a parar e procurar uma sombra. E aquela alegria mesclada com desafios e a superação quando estava numa luta interna dizendo para mim mesma que não aguentava mais e que depois que esta tormenta mental passava, eu já tinha pedalado uns vinte, trinta quilômetros a mais.

Segundo Ostetto (2019, p. 55), “a experiência será sempre muito maior que a explicação”. Tomo aqui as palavras de Juliana Pereira¹ (2016, p. 29) em que ela diz que “a experiência torna-se tão importante quanto qualquer materialidade proposta e realizada”. A autora narra às próprias experiências em sua tese de doutorado, e que eu me identifico muito, onde ela enfatiza que “toda essa experiência atravessou-me como um ser carregado de afeto pelos ofícios escolhidos, bem como pelos alunos que por mim passaram, pelo outro, pela vida” (PEREIRA, 2016, p. 49).

O projeto Carona Brasil foi uma grande experiência de vida e o maior professor que eu pude ter na educação ambiental. Me fortaleci enquanto ser humano e cresci. Mesmo hoje achando que algumas ações realizadas naquela época eram básicas, a experiência vivida me serve de referência até hoje.

As experiências que tive com estas viagens me proporcionaram aprendizados muito significativos, e acredito que tanto as experiências que vivenciamos como a experimentação em si são partes fundamentais de qualquer processo educativo. Dal Pont (2018) aposta na ideia de experimentação como formação. Segundo a autora:

Tanto os rastros deixados pelos estudos, ou as fagulhas dos encontros ao acaso durante a formação moveram-me com a educação [...]. Ao desalojar certezas consolidadas pela fixidez da identificação com áreas de conhecimento, as incertezas, os acasos, o mergulho em outros universos teóricos e imagéticos arrastam a formação. E, nesse movimento [...], jamais esquecer que a educação também pode ser povoada por instantes de alegria e encantamento (DAL PONT, 2018, p. 107/108).

Com a decisão de ir para uma universidade federal me mudei para a Oceanologia na FURG – Fundação Universidade Federal do

1 Tanto Juliana Cristina Pereira (Juliana Crispe) quanto Karina Rousseng Dal Pont (citada mais abaixo) realizaram suas teses de doutorado na Pós-graduação em Educação da UFSC respectivamente em 2016 e 2018. São integrantes do grupo de pesquisa ao qual participo Coletivo Tecendo: cultura, arte e educação coordenado por Leandro Belinaso.

Rio Grande em 1999, fazendo o projeto Carona Brasil migrar para lá também. Foi nesta época que o estilo de vida mais saudável, com uma alimentação natural e integral e o hábito de pedalar também passaram a fazer parte de forma intensa em minha vida.

Como projeto de extensão da universidade, o Carona Brasil realizou em Rio Grande diversas ações de EA nas escolas de periferias, em casas de abrigo de menores, fazendo oficinas de papel reciclado, de texturas na natureza, dominó do lixo, estudos do clima, entre outras coisas. Na ocasião, nós responsáveis pelo projeto, criamos diversos materiais didáticos² para os trabalhos com as crianças.

Nas escolas realizávamos oficinas de confecção de papel reciclado abordando a questão dos resíduos sólidos, sendo que sempre ao final também criávamos algo com os papéis produzidos pelas crianças, como murais, envelopes, enviando cartas, tudo conforme as ideias e a criatividade do grupo. Após um tempo de trabalhos com resíduos e reciclagem, inventamos um jogo chamado Dominó do Lixo, onde jogando ensinávamos como separar corretamente o “lixo”. No jogo havia diversos tipos de resíduos e os jogadores precisavam associar o lixo às lixeiras (seco/reciclável, úmido/orgânico e sujo/rejeito), como num jogo de dominó mesmo.

Quando fazíamos excursões em meio à natureza realizávamos diversas dinâmicas e atividades ao ar livre, como por exemplo, yoga dos bichos, caminhadas às cegas em duplas e texturas da natureza. Isto era feito com uma folha de papel e giz de cera, marcando as texturas de troncos, folhas, terra, o que cada um quisesse experimentar. Eram momentos divertidos, de descontração, mas de muito aprendizado também.

2 Estes materiais foram elaborados junto aos processos formativos em que estávamos envolvidos dentro do Projeto Carona Brasil. Eram confeccionados de forma artesanal e somente alguns poucos tiveram uma tiragem maior, sendo usado em vários grupos, como por exemplo, o Dominó do Lixo.

Foram momentos de muita criação e mobilização, uma ocasião em que os estudantes já questionavam a ciência, em especial, as ciências exatas que não incluíam os seres humanos em seus processos, mas também as humanas, que ignoravam o ambiente em suas ações. Parece que certas coisas não mudam, ou melhor, a resistência às mudanças existe, pois desde aquela época já questionávamos as formas de educar e de fazer pesquisa, da falta de integração e do olhar mais amplo para as diferentes dimensões da vida, e das metodologias “quadradas” nas quais não há espaço para a intuição e a arte.

Nesta época de efervescência muitos referenciais teóricos foram acessados. Os livros que me marcaram neste momento foram “*Teia da Vida*” de Fritjof Capra (1996), “*A árvore do Conhecimento*” de Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), “*Saber cuidar*” (1999) e “*Ecologia: gritos da terra, gritos dos pobres*”, de Leonardo Boff (1995) e “*Gaia – teoria do conhecimento*” de William Thompson e outros autores (1987). Em relação às leituras mais específicas de EA, me lembro do livro “*Implementação da EA no Brasil*” organizado pelo MEC (1998), os livros do Marcos Reigota, como “*O que é Educação Ambiental*” (1994) e “*Meio Ambiente e representações sociais*” (1995). Estes fizeram parte do repertório inicial. Me lembro também de um livro que usei bastante ao pensar as oficinas nas escolas, que foi o “*Ecopedagogia e Cidadania Planetária*”, de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (2000).

Foi em Rio Grande também que conheci um grupo de arte-educadoras que trabalhavam com a conexão entre arte e ciência através de projetos de EA. Minhas primeiras experiências com formação de professores foram nesta época. Inverter os processos, em vez de trabalhar conteúdos ou temas, trabalhar a sensibilidade e as vontades, os sonhos e desejos, questionar a vida e considerar a subjetividade a partir do vivencial e, aí sim teorizar, construir conhecimentos. Estes professores fizeram parte de um projeto interdisciplinar chamado

“Utopias concretizáveis interculturais”³, que atuavam com processos formativos em EA. A abordagem era vivencial partindo sempre do sensível. O projeto “Mentalidade Marítima”⁴ da Organização não governamental NEMA – Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental de Rio Grande, é um exemplo desta articulação entre arte e ciência, “se firmando como uma metodologia de referência para a arte-educação ambiental”⁵ (RACHE *et al.*, 2021).

Entre os anos de 1999 a 2003 tive diversas experiências de EA que passavam pela atuação em escolas, formação de professores, e também por processos comunitários. E foi onde surgiram as primeiras experiências minhas com arte e educação ambiental, pois antes disso as ações de EA estiveram totalmente focadas nas viagens do Carona Brasil. Nesta fase de parada para os estudos da graduação, comecei a atuar de forma mais contínua nas comunidades e em escolas.

Não tem como falar desta articulação entre diversos campos sem falar de outros momentos que vivenciei. Muitas pedaladas, muitas conversas, reflexões e filosofias entre amigos, todos estudantes universitários cheios de energia e desejos de gozar a vida intensamente.

Nesta mesma época, por volta de 2001, adentrei na permacultura. A palavra permacultura vem da união das palavras permanente e agricultura ou cultura, que é um sistema de desenho aplicado, interdisciplinar,

- 3 O “Utopias Concretizáveis Interculturais” foi um projeto de pesquisa coordenado pela Dra. Cleusa Peralta Castell, em parceria com as arte/educadoras ambientais Nara Marone e Luciane Goldberg, a bióloga Mônica Brick Peres, os oceanólogos Washington Ferreira e Pieter do Amaral e as professoras de Arte Magali Olione, Maria Helena Castro e Maria Tereza Ruivo, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Angélica Leal Campello, localizada na região do Taim (Rio Grande/RS).
- 4 O Nema, criado em meados de 1980 por um grupo de estudantes do curso de Oceanologia da FURG, idealizou o projeto Mentalidade Marítima: educação ambiental para comunidades costeiras, denominado atualmente de Ondas que te quero mar, fruto desta articulação entre arte-educadores e ambientalistas (<https://www.nema-rs.org.br>).
- 5 Diversos projetos inter e transdisciplinares realizados por professores e estudantes da FURG, principalmente das Arte Visuais e da Oceanologia vem sendo construídos ao longo do tempo e que promovem esta articulação entre Arte e Ciência, o que alguns autores estão chamando de “a marca de Rio Grande”. (Fonte: RACHE *et al.*, 2021).

para criar comunidades humanas sustentáveis, paisagens cultivadas e outros sistemas de apoio, criado por Bill Mollison. Sua metodologia é baseada em princípios ecológicos, para produzir um sistema integrado de plantas, animais, água, edificações e energia natural. A permacultura é ampla e abrange grandes áreas como Segurança Alimentar, Água e Saneamento, Bioconstrução, Energias e Tecnologias e Economia Local.

Conheci a permacultura através do IPEP – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Pampa, que fica no município de Bagé – RS. Junto com amigos fomos visitar o Instituto e assim começou um trabalho que perdura até hoje. A busca por alternativas e tecnologias sustentáveis surgiu a partir dos questionamentos que a própria educação ambiental faz. Como falar de sustentabilidade sem por ela em prática? Como ser educadora ambiental e falar para as pessoas sobre a importância do meio ambiente usando um sistema que polui e vivendo de forma insustentável?

A noção de sustentabilidade vindo da permacultura trouxe para minha vida e minha atuação profissional dentro da EA uma ampliação do ponto de vista prático, pois não era mais somente uma oportunidade de refletir e questionar o modelo de sociedade, e sim criar estruturas, moradias mais ecológicas e integradas aos elementos naturais e sem agredir a natureza.

A sustentabilidade ao qual me refiro aqui não tem nada a ver com o conceito que está sendo disseminado, em parte pelas instituições privadas e até mesmo governos, no tecido social e que está muito sintonizado com o mercado financeiro. Existe um discurso aparentemente muito bonito, mas que mascara e deturpa a ideia de estar conectado e em equilíbrio com o meio ambiente.

A permacultura considera a sustentabilidade de forma integrada, abrangendo as dimensões ambiental, social, cultural e econômica. Suas técnicas estão baseadas no resgate de culturas ancestrais sob

o ponto de vista das práticas realizadas, principalmente em relação à moradia e alimentação. Ela literalmente te conecta a terra e faz você pôr a mão na massa, no barro mais precisamente.

Esta noção de sustentabilidade que trago aqui tem relação com as ideias de Ailton Krenak. Ele diz que existe um “mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza.” Segundo o autor “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós outra: a Terra e a humanidade”. Para ele “tudo é natureza” (KRENAK, 2019, p.16/17).

Mudar a forma de ver o mundo que habitamos é também mudar a forma de estar conectado a ele. Por isso que, nas lentes que almejo acionar no mestrado, desejo assumir aquelas que não acreditam na dualidade entre teoria e prática, como vejo acontecer no nosso grupo de pesquisa, o Tecendo. Tal desejo é o que me moveu a conhecer mais de perto a permacultura e este outro modelo de viver em sociedade. Criar construções ecológicas, saneamento ambiental, produzir sem veneno e de forma integrada, e pensar uma outra economia. Habitar o planeta sem machucá-lo é para mim uma forma necessária e viável.

Em minha casa cercada de mato, hoje tenho meu próprio espaço de experimentação. Uma estrutura com conforto térmico, com paredes de barro e pedras, captação de água da chuva, agricultura orgânica e saneamento ecológico. Sempre lidando com as adversidades, com o ataque de “pragas” nas plantações e dividindo tudo com os seres que vivem neste mesmo espaço. Hoje a bandeira da agroecologia faz parte da minha vida também, pois prezo por uma comida saudável e sem veneno.

Foi nesta conexão com a permacultura que fui convidada a estruturar e pensar os processos educativos do IPEP com a realização de diversos cursos de Ecoalfabetização, de Design em permacultura,

além da estruturação de projetos em âmbito escolar e em assentamentos. Foi aí que também surgiu minha atuação e a paixão pelos processos comunitários participativos junto a agricultores, comunidades tradicionais e ou coletivos.

Nesta época acessei muitos livros interessantes sobre permacultura, como os clássicos de *“Introdução a Permacultura”*, do Bill Mollison e David Holmgren (1998). A permacultura faz parte de uma rede internacional, e por meio desta, tive acesso a Revista Permacultura Latina que foi organizada pelos Institutos Brasileiros de Permacultura. Um livro que, de vez em quando ainda olho, e tenho muito apressado é *“A escola sustentável”*, de Lucia Legan (2004) do IPEC – Instituto de Permacultura do Cerrado. Um livro muito interessante que conta a experiência da permacultura em uma escola.

Os cursos de Ecoalfabetização, como são chamados dentro da permacultura, são a vertente educativa dos processos. Vem de alfabetização ecológica, um termo referendado por Fritjof Capra (2006) e que nada mais é do que as formações em EA direcionada ao tema da permacultura. Os demais cursos de permacultura estão mais ligados aos princípios e técnicas das grandes áreas da permacultura, como os desenhos de planejamento de propriedades e ecovilas, os cursos de construções ecológicas, de captação de água da chuva e biotratamentos.

Quando terminei a graduação de Oceanologia em 2004, na sequência fui chamada para trabalhar no LEA – Laboratório de Educação Ambiental da UNIVALI, com projetos ligados ao licenciamento ambiental. Eu já era parte da equipe da Trilha-da-vida⁶, um programa que trabalha com experimentos educacionais transdisciplinares. O LEA atua

6 O Programa Trilha da Vida é coordenado por Jose Matarezi, professor e coordenador do LEA – Laboratório de Educação Ambiental da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. O programa tem como objetivo promover uma reaproximação dos participantes com o meio ambiente nos seus aspectos naturais, culturais e históricos, e por esta via, estimular uma reflexão crítica das relações históricas entre sociedade, o indivíduo e o meio ambiente.

fortemente com gestão comunitária e em áreas costeiras por estar associado ao curso de Oceanografia desta universidade.

As experiências com os Programas de Educação Ambiental ligados aos processos de licenciamento ambiental foi outra vivência bastante intensa e revoltante de certa forma. Os empreendimentos (empresas e indústrias) considerados potencialmente poluidores precisam fazer um procedimento junto aos Órgãos Ambientais para conseguir uma licença para se instalar e ou operar. Dentro deste processo, para a emissão da licença, várias ações são definidas pelo Órgão Ambiental as quais deverão ser atendidas pelo empreendedor. Uma das ações solicitadas para a mitigação e/ou compensação dos impactos das atividades licenciadas sobre o meio socioeconômico são, os Programas de Educação Ambiental, comumente chamados de PEA.

Foi com a Trilha-da-vida e os PEA que aprendi os processos de mediação de conflitos que trago como exemplo até hoje. Descobri que existem muitas verdades, diversas existências e infindáveis mundos, mas que a ética e os valores como respeito, amor e compaixão são questões que não se pode abrir mão. A sinceridade é arma e resistência, e é necessária. Ficar no fogo cruzado entre as empresas, que visam à produção a qualquer custo, as comunidades vulneráveis e os órgãos ambientais desestruturados, exige uma postura e uma diplomacia desafiante.

Foi num trabalho com licenciamento que descobri o assédio moral e a pressão psicológica-financeira que domina este sistema de mercado capitalista. Mas também foi nestas circunstâncias que os elos de amizade e a rede de profissionais “íntegros” na área ambiental se fortaleceram em minha volta.

Anos mais tarde, quando realizei um levantamento nacional sobre os PEA no Brasil⁷, ouvi um consultor dizer que nesses processos havia uma “agenda oculta”, onde as empresas não precisavam saber tudo o que fazemos nos processos comunitários. Foi neste levantamento que conheci grupos e pessoas seguidores de uma lógica diferente da do mercado, com trabalhos belíssimos, nos quais a premissa não é somente executar e cumprir metas, tabelas e relatórios.

É preciso estar nesses espaços para fazer acontecer ações que realmente façam a diferença para as comunidades, e exigir das empresas uma postura mais séria e comprometida com o bem-estar das pessoas e comunidades. Tarefa não muito fácil, pois muitas vezes nos deparamos com realidades muito duras e sofridas.

Foi trabalhando com crianças e jovens em abrigos sociais, vítimas de violência; com comunidades tradicionais devastadas por empreendimentos e com todo o tipo de realidades difíceis, de pobreza e falta de perspectiva, que descobri ser forte o suficiente para atuar nesses contextos tão tristes. E que posso, pelo menos, trazer leveza, esperança, brincadeiras e sonhos. É por isso que me encanto tanto com processos comunitários mediados pela arte, pois já vi o quanto um processo formativo em EA pode instigar um grupo de professoras, por exemplo, a atuar de forma diferente e mudar toda uma ideia de escola.

Por falar em professoras, gostaria de relatar um pouco algumas experiências com formação de professores e escolas. Ao longo destes anos de atuação em EA tive diversas oportunidades de realizar projetos de formação de professores. Algumas atividades eram na forma de cursos rápidos com carga horária de no máximo 20 horas, como junto aos professores da Rede de Ensino do município de Bagé em 2001.

7 “Levantamento e análise de programas e projetos de Educação Ambiental no âmbito dos licenciamentos ambientais federal e estaduais, exigidos como condicionantes das licenças emitidas pelos órgãos licenciadores” foi um trabalho de consultoria realizado por mim nos anos de 2014 a 2016 junto ao Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente. (<https://www.mma.gov.br/informma/item/10201-licenciamento-ambiental.html>)

Outros foram junto aos cursos de Ecoalfabetização, nos quais foi possível trabalhar os temas ligados à permacultura de forma interdisciplinar no currículo escolar. E outras iniciativas tiveram um processo de formação continuada. Posso dizer que foram experiências fantásticas.

Um dos grandes desafios da EA ou dos temas transversais na escola é essa tal de interdisciplinaridade. Este assunto é bastante falado no ambiente escolar, contudo na prática ela é muito mais difícil de acontecer, principalmente se considerarmos que o nosso sistema de ensino é engessado e aborda os conteúdos e as disciplinas separadamente.

O desafio da interdisciplinaridade no contexto escolar é trazido por Isabel Carvalho:

A interdisciplinaridade jamais será uma posição fácil, cômoda e estável [...]. Trata-se de um combate ao mesmo tempo interno e externo, no qual a reorganização das áreas e das formas de relacionar os conhecimentos corresponde a reestruturação de nossa própria maneira de conhecer e nos posicionar perante o conhecimento, desfazendo-nos dos condicionamentos históricos que nos constituem (CARVALHO, 2011, p. 122/123).

É bastante comum essa discussão, nas formações de professores, sobre como integrar os conteúdos e trabalhar o conhecimento de maneira interdisciplinar, e isto diz respeito principalmente a um planejamento conjunto entre professores, ou melhor dizendo, pensar em processos educativos que levem em consideração as inter-relações existentes entre as pessoas, a escola e a comunidade.

Em se tratando disso, gostaria de relatar um trabalho realizado com escolas-polo (era como chamávamos) no litoral do Paraná. Este projeto integrava um Programa de Educação Ambiental de um licenciamento que abrangia os estados do Paraná e Santa Catarina executado pelo Laboratório de EA da UNIVALI.

Eu coordenava as ações no Paraná, nos municípios de Paranaguá, Ponta do Paraná e Matinhos. Este trabalho durou dois anos mais ou menos e começou com toda uma articulação via Secretarias Municipais de Educação destes municípios. A ideia era garantir que a formação em EA dos professores e profissionais que atuavam nas escolas escolhidas fosse realizada dentro da carga horária de trabalho destes. Isto era fundamental para a adesão e participação de todos nesse processo.

O segundo passo foi ter o apoio e a parceria da direção da escola, que ajudou a organizar os encontros e momentos formativos. Tínhamos encontros toda a semana.

Em uma das escolas, na Ilha dos Valadares em Paranaguá, as crianças, no início do projeto, eram dispensadas num dia da semana após recreio para que pudéssemos nos reunir. Nesta escola, todos os servidores participaram (direção, merendeiras, faxineiras e professores).

Começávamos com memoriais de vida conversando sobre os sonhos de cada um e as vontades relacionadas ao ato de ser educador. Cada escola, usando o mesmo método de início, se direcionaram para ações e demandas diferentes, de acordo com o que se mostrava necessário.

A escola de Paranaguá direcionou todo um plano de ação voltado ao resgate cultural, pois a ilha tinha essa forte conexão. A maioria das professoras desta escola eram filhas de pescadores e caixaras. Tínhamos momentos de reflexão, momentos de planejamento de ações e outros de execução das ações planejadas, tanto na escola como na comunidade. Aliás, uma das percepções tidas durante a formação foi em relação à importância da escola se abrir e agir para além dos seus muros.

Em outra escola, em Pontal do Paraná, o foco foi no planejamento interdisciplinar das ações. Quando chegamos notamos haver uma horta escolar, mas a maioria dos professores tinha dificuldade de integrar e usar ela em suas práticas educativas. Foi muito lindo partici-

par deste processo e ver uma escola inteira participando, dialogando, construindo, planejando e executando ações de forma coletiva.

Depois que sai deste projeto não tive muito mais informações a respeito, mas uma amiga que ficou no projeto, anos depois me relatou que a escola da Ilha dos Valadares, por exemplo, mesmo após o término do projeto, incorporou e tomou para si a ideia, dando continuidade e desenvolvendo ações de EA por conta própria. Isto me deixou muito feliz.

Por fim, gostaria de relatar uma outra experiência significativa em minha atuação neste campo, que foi junto ao Departamento de EA - DEA do Ministério do Meio Ambiente - MMA.

Tive a oportunidade de fazer parte da equipe responsável pelas políticas públicas de EA do governo federal, num momento em que houve a ampliação destas ações de forma articulada como um programa de gestão em âmbito nacional. Um tempo em que existiu a abertura para pensar a EA como política pública, onde se criou o Órgão Gestor da PNEA – Política Nacional de EA com o MEC e o MMA juntos, e a criação do PRONEA – Programa Nacional de EA, surgindo assim ações e projetos disseminados em diversas frentes. Para viabilizar isso, existia a equipe de enraizadores que traziam para os estados os programas, tentando articular e implementar as parcerias para a execução destas ações.

Para mim foi uma baita experiência atuando como enraizadora dos estados do Paraná e Santa Catarina entre os anos de 2005 a 2008. Existiam vários programas a serem implementados de acordo com os interesses, demandas e possibilidades nos estados e também municípios. Foi uma época de grande aprendizado com articulação de inúmeras ações, muitos contatos, um período dinâmico com muitas viagens e de doação, pois muitas pessoas e instituições foram conectadas e orientadas para viabilizar ações de EA de forma integrada e como política pública.

Fazer parte de uma equipe grande e pensar ações macro, para um país inteiro, soava como uma ousadia. Eu me sentia muito à vontade para fazer o possível conforme a necessidade local. Entender os jogos políticos também foi interessante, pois ao mesmo tempo em que você era aquela menina do interior que tinha experiência em EA e sabia do que estava falando, ela só foi ouvida porque ela era a “Enraizadora da EA do MMA”. Caso contrário nem davam bola para ela! Mas foi um momento em que foi possível falar da mesma coisa e ser ouvida! Uma oportunidade de fazer EA como política pública numa tentativa de articular ações entre os governos nas três esferas (federal, estadual e municipal). A ideia era levar a EA para todos os campos do país. Aprendi muito sobre planejamento em equipe, metas a serem atingidas e principalmente sobre articulação, mobilização interinstitucional, entre outras coisas.

Durante o período em que fiz parte da equipe do DEA pude acessar diversas obras. Nesta época muitos livros e materiais foram publicados pelo Ministério do Meio Ambiente, como *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*, *Encontros e Caminhos* e vários outros. Em geral eram textos produzidos por vários autores atuantes na EA no Brasil e que eram organizados pela equipe do MMA.

Bom, acho que ainda faltaria falar de várias outras experiências que tive como, por exemplo, as ações via Trilha-da-vida, da participação nas Conferências Infanto-juvenis de Meio Ambiente, ou os inúmeros outros projetos voluntários para ajudar nas ideias mirabolantes dos amigos “excêntricos” que tenho. Eu os chamo assim porque, em geral, eles não possuem ideias muito tradicionais, são movidos pela arte e com pensamentos ousados, alegres e às vezes um tanto irreverentes. Aliás, estes amigos sempre estiveram presentes e contribuíram em muitos momentos das minhas peripécias pela EA. Afinal 25 anos nesta área não é pouca coisa, mas também sinto que dá para fazer muito mais, de preferência com muita arte e muita música.

O ENCONTRO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A ARTE É A MÚSICA

Para falar deste encontro é preciso acionar a minha playlist de músicas favoritas: uma mistura eclética de sons que vai do rock ao erudito, passando pelo popular de diversas origens e nacionalidades, instrumentais esquisitos, guitarras estridentes, solos de piano e bateria e ainda os coros de sopranos, contraltos, tenores e barítonos, e claro, as românticas, tristes e melodiosas.

Uma amiga musicista já dizia nunca entender como eu poderia ouvir um rock psicodélico e na sequência uma música popular de raiz. Esta sou eu, e consigo e gosto... posso estar empolgada pulando com uma música dançante e depois sentar e chorar por ouvir uma música melancólica. É certo que as vezes não dá, pois têm momentos em que estou só querendo um tipo de música, mas quando ouço uma boa melodia ou um bom “dedilhado” paro para mergulhar neste universo sonoro, para sentir e ouvir.

Falar do encontro da EA com a arte e a música poderia começar lá na menina do interior que buscava o mar. Acredito que o início vem de lá, o gosto por estar próximo à natureza e também da música, mas a EA nesta época não havia ascendido em mim ainda. Isto aconteceu lá em Rio Grande por volta dos anos 2000.

Estudando oceanologia e realizando mil e uma atividades de EA, a vontade de voltar para a música ressurgiu. Ela estava num momento de hibernação, que acontece volta e meia, e assim resolvi entrar no curso de bacharelado em piano na UFPEL – Universidade Federal de Pelotas. Para conseguir frequentar as aulas, meu piano teve de viajar de

Florianópolis⁸ até Rio Grande, o que foi uma atração na casa coletiva de estudantes e amigos. Ali surgiram muitos processos criativos musicais.

Nesta fase, meu repertório musical se voltou mais para artistas brasileiros e músicas populares. Ouvia muito Tom Zé e Chico César, adoro os dois, Caetano, Gil, Elis Regina, Cássia Eller, Tribalistas, UAKTI, Udiyana Bandha, Mawaca, Marlui Miranda, Barbatuques, entre outros. Todos mais suaves e tranquilos até certo ponto, mas, com certeza, músicas mais leves. Stevan Pasero, Cat Stevens, Amparanoia, Fugees, Manu Chao, Dead can dance, além de instrumentais tranquilizantes que misturavam paisagens sonoras de natureza em suas músicas.

Foi uma época em que tive uma espécie de mergulho interno à procura de uma conexão mais espiritual da vida. E os sons acompanharam este momento, as músicas representavam um pouco de como eu estava me sentindo internamente. E nos repertórios teóricos, uma sede ávida por outros escritos, diferentes das quais eu tinha acesso dentro da área ambiental e da oceanografia. Ecologia humana e as obras de Carlos Santana Diegues (2001); as obras sobre cultura e folclore de Florestan Fernandes (1978), livros didáticos de arte e música, *“Nada Brahma: a música e o universo da Consciência”* de Berendt (1983), *“A água e os sonhos”* de Bachelard (1942), *“O tao da música”* de Carlos Fregtman (1986). A articulação entre áreas era inevitável e, desta forma, procurava outros saberes a fim de suprir estas lacunas, buscando uma inter-relação entre as áreas do conhecimento.

Até hoje eu não entendo como conseguia fazer tantas coisas: duas graduações mais dois trabalhos ao mesmo tempo. Foi neste mesmo ano que entrei no curso de música que me “acharam”. A maestrina

8 Porque meu piano estava em Florianópolis é uma outra longa história. Quando sai da minha cidade natal, fui morar em Florianópolis junto com meu irmão que estudava da UFSC. Isso por volta de 1992. Eu havia decidido fazer cursinho pré-vestibular e prestar vestibular para Música – Bacharel em piano na UDESC e Biologia na UFSC. O destino me conduziu para a Oceanografia em Itajaí depois de não ter passado no vestibular da UFSC e ter dormido na prova teórica da UDES C, mesmo já tendo sido aprovada na prova prática de piano.

do Coral da FURG procurava uma pessoa com habilidades em música para reger o Coral infantil do CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança da Universidade. Lá fui eu me aventurar a ensinar os alunos a cantar sem que eu mesma nunca houvesse cantado em um coro. A maestrina me orientou em técnicas vocais e o resto aprendi experimentando. Coral infantil é relativamente fácil, pois neste caso se cantava em uma só voz, então era só seguir a partitura.

Nessa mesma época, na disciplina de folclore, fui apresentada ao Murray Schafer⁹, mais especificamente o livro “*O ouvido pensante*” de 1991. Quando comecei a ver o que este professor fazia, me deu um estalo: – Heurekaaaa, eu vou utilizar as paisagens sonoras em minhas atividades de EA! E comecei.

Conhecer as ideias de Murray Schafer neste momento de estudos de piano e aulas de Coral infantil foram um prato cheio para mim. Eram como ganhar um pote de ouro, um presente. A cada página uma revelação. As ideias de Schafer acionavam em mim ideias, insights, possibilidades criativas para minhas atividades de EA.

Lendo uma dissertação de mestrado apresentada em 2019 percebi ainda mais o potencial das paisagens sonoras em variadas áreas do conhecimento ou até mesmo dentro da Educação, dando possibilidade para pensar outros modos de pesquisa. Esta pesquisadora Marina Lopes e Gomes, que também é integrante do nosso grupo de pesquisa Tecendo da UFSC, faz uma articulação entre os campos da arte, da ciência e da educação, trabalhando com a noção de paisagens sonoras em seu processo de criação de artefatos chamado por ela de “sonigráficos”.

9 Murray Schafer (1975), professor, compositor e autor de diversas pesquisas a respeito do ambiente acústico e da ecologia sonora. Criador do termo Paisagens sonoras ou Soundscapes, ele liderou uma importante pesquisa a respeito do ambiente sonoro em Vancouver, no Canadá. O projeto chamado de “The World Soundscape Project” foi um estudo multidisciplinar sobre o som ambiental, suas modificações sofridas no decorrer da história e sobre o significado e o simbolismo desses sons para as comunidades afetadas por eles.

O professor Schafer, por exemplo, usava as paisagens sonoras nas aulas de música com seus alunos para despertar a musicalidade, “abrir” os ouvidos, perceber as sonoridades e também maneiras variadas de notação musical existentes por meio do ambiente sonoro. O projeto de Paisagem Sonora Mundial, criado por ele, foi uma grande ação relacionada à ecologia acústica. Seu objetivo era chamar a atenção para a poluição sonora e de como, ao longo dos anos, a paisagem sonora do planeta mudou e seus sons sendo substituídos e aumentando de intensidade.

Foi lendo o livro “*O ouvido pensante*” de Murray Schafer que achei a conexão da EA com a música, ou melhor, com as paisagens sonoras. Descobrir as paisagens sonoras me possibilitou o desenvolvimento de um trabalho que tinha a minha cara, que tinha a ver com a minha busca, a articulação entre as minhas paixões: natureza e música/arte.

As paisagens sonoras eram perfeitas, a meu ver, para acionar a sensibilidade das pessoas nos processos de EA, pois o som e a música “tocam” de maneira sutil a gente. A música enquanto arte é completamente intangível e entra dentro da gente acionando mundos internos, sentimentos, memórias e emoções. Uma combinação perfeita para o que eu buscava.

Com o Coral do CAIC comecei a levar as crianças para ouvirem as paisagens sonoras, aguçar os ouvidos. Logo na sequência fui descoberta pela primeira dama do município e fui parar na Secretaria Municipal de Ação Social para trabalhar com grupos de crianças e jovens de risco social com EA e música. Este trabalho fez parte da minha monografia de conclusão de curso em oceanologia, pois foram experiências de EA articuladas com a arte muito impressionantes.

Nesta monografia eu narro às experiências e vivências minhas sobre o uso das paisagens sonoras em atividades de EA. Foram momentos em que tive a oportunidade de realizar oficinas em grupos diferentes.

Estas ações foram experimentadas entre os anos de 2001 a 2003. Uma destas iniciativas, que foi uma ação mais duradoura, foi realizada com um grupo de adolescentes que moravam em um abrigo de menores em Rio Grande. Por meio de uma investigação sobre as paisagens sonoras da cidade, o grupo também foi se descobrindo e percebendo as paisagens sonoras internas de cada um.

As outras três experiências narradas eram oficinas rápidas de um dia. Uma foi na forma de um Curso de EA no EPEA – Encontro Paranaense de Educação Ambiental em Loanda/PR em 2002. O grupo era basicamente formado por professores e a vivência proporcionou um despertar para o universo sonoro enquanto potencial para processos formativos.

As outras duas oficinas foram realizadas em Caravelas/BA em 2003 junto ao evento de Comemoração do aniversário do Parque Nacional Marinho de Abrolhos. Uma das oficinas foi com alunos do 6º ano de uma escola local em que foram investigadas as paisagens sonoras do lugar com a criação e composição de partituras musicais dessas paisagens. Ao final, estas partituras foram tocadas e interpretadas pelos estudantes.

A última oficina foi realizada com profissionais da área ambiental do Parque, analistas e técnicos do IBAMA, do IBJ – Instituto Baleia Jubarte e da Patrulha Ambiental. As vivências envolveram memórias sonoras e performances de cenas do cotidiano representadas por atores e instrumentistas.

Todas estas oficinas foram narradas na monografia com o objetivo de mostrar o potencial das paisagens sonoras em ações de EA. As propostas eram únicas, sempre pensadas de acordo com o contexto e público, e em geral vinham de forma intuitiva, do que sentia ser importante ser vivenciado por todos. É claro que as metodologias criadas não vieram só das ideias das paisagens sonoras, elas vieram das várias outras experiências vividas por mim.

Por exemplo, com os adolescentes que viviam “presos” no abrigo, eu sentia que era importante tirá-los de lá, respirar o ar, sentir o sol e o vento, ter a sensação de liberdade. Isto além de proporcionar uma alegria a eles foi fundamental para desenvolver uma esperança, uma ampliação do olhar, onde o próprio estudo da paisagem sonora proporcionou isso a eles.

A ideia de trabalhar com as performances veio de uma experiência com musicoterapia no Fórum Social Mundial em 2001 em Porto Alegre junto com as diversas leituras de trabalhos associado às ideias de Félix Guattari.

Durante a escrita da monografia e a realização das oficinas, busquei várias referências, principalmente de autores relacionados à pesquisa social. Dentre eles, Maria Cecília Minayo (2002) com sua abordagem qualitativa nas pesquisas, Abreu Júnior (1996) e a transdisciplinaridade, Hugo Assmann (1998) e Moacir Gadotti (2000) sobre reinventar a educação e Boaventura de Sousa Santos (1989) sobre o paradigma da ciência pós-moderna. Além destas leituras, teve também as micropolíticas e cartografias de Guattari e Suely Ronilk (1987) e a educação sensível de Francisco Duarte Jr (2001). Além de acessar referências na área das ciências humanas, também comecei a frequentar aulas complementares na licenciatura de música e na educação.

Nesta mesma época fui convidada a substituir a maestrina que estava se aposentando, a reger o Coral Universitário da FURG. Isto tornou a minha atuação nesta área mais madura, saindo de uma ação mais amadora para uma atuação mais profissional.

Quando comecei a trabalhar com EA e paisagens sonoras e a reger o Coral da FURG, comecei a investigar músicas brasileiras que abordavam temas ambientais. Ser maestrina do coral me deu acesso à discoteca da Rádio Universitária e foi uma imersão fantástica. Eu passava horas dentro da discoteca, olhando, escutando e selecionando vinis.

Eu tinha a permissão de levar os vinis que me interessavam para casa e assim tinha tempo de gravar em fita cassete e fazer uma cópia das letras. Fiz uma seleção enorme de músicas, principalmente as populares, ampliando ainda mais meu acervo musical.

Algumas bandas eu nunca tinha ouvido falar, como Banda de Pau e Corda. Outras mais conhecidas como Sá e Guarabira, Renato Teixeira, Almir Sater, Secos e molhados fizeram parte deste repertório. Uma infinidade de artistas nacionais, na sua maior parte ligados à música caipira e música folclórica.

Reger o Coral da FURG também foi outra experiência maravilhosa, de grande aprendizado e muito desafiante para mim. Digo desafiante porque nunca havia cantado em um coro antes, e ser maestrina exige uma habilidade que eu não tinha até então. O coro infantil, muitas vezes, canta em uníssono, ou seja, em uma só voz. Já os grupos corais adultos têm linhas melódicas (no mínimo quatro) diferentes e que juntas compõem o arranjo da música.

A primeira coisa que tive que aprender, antes de “tentar” ensinar e reger o Coral, foi a ter autonomia entre as linhas melódicas. Numa partitura de coral existem quatro linhas melódicas, em geral, que separam as alturas das vozes, que chamamos na arte da regência coral, os naipes: baixo e tenores para os homens e contralto e sopranos para as mulheres. Ou seja, os homens com vozes graves são os baixos e os de vozes mais agudas os tenores. Nas mulheres, igual, contraltos as mais graves e sopranos as mais agudas.

A autonomia das vozes, a que me refiro, e que é a principal “missão” do regente, é fazer os naipes não se perderem nas suas linhas melódicas. Para aprender a fazer isso eu tinha que tocar no piano uma linha e cantar a outra sem se perder.

A primeira vez que eu fiquei na frente do Coral para regê-los e dei início a música, aquilo simplesmente fez um nó no meu cérebro. Cada grupo/naípe começou a cantar a sua linha melódica e aquelas melodias se misturaram e eu não conseguia saber onde estava cada uma. Eu parei de reger e fiquei imobilizada diante do grupo, sem saber o que fazer. Foi um desespero. Encerrei o treino e disse que precisava ir para casa estudar mais.

Isto foi só o início... e estudei muito e consegui. Este processo deu um salto quando nas férias fui a Curitiba, na Oficina de Música, fazer um curso de Regência Coral. Voltei a mil, com partituras novas e cheia de energia.

Começamos a ensaiar Panis et circenses, uma música de Gilberto Gil, que tinha uma melodia linda e uma letra bastante irreverente, que eu gosto muito, pois são letras recheadas de críticas. Bom, eu estou contando isto, pois teve um episódio muito interessante sobre esta música.

Quando estávamos com a música praticamente pronta, uma coralista trouxe uma reportagem de jornal que anunciava a vinda do Ministro da Cultura Gilberto Gil a Rio Grande para participar da inauguração do Casarão dos Azulejos Portugueses. Na hora eu não havia me ligado e o grupo todo me chamou a atenção de que estávamos ensaiando uma música de autoria dele. Quando me dei conta disso, falei ao grupo de que iríamos cantar para ele a sua música. E cantamos.

Chegamos com o coral todo arrumado com suas togas chiques e eu com uma roupa multicolorida destoando do coral, tipo representando pão e circo. Eu anunciei a música dizendo “Bem-vindos à sala de jantar do Casarão dos Azulejos portugueses”. Cantamos e ele nos acompanhou. O Coral estava irradiante e feliz, fomos os únicos a cantar com direito a fotos com o Ministro no final.

Este foi um dos exemplos do que vivenciei com o Coral da FURG. Nos apresentávamos em vários lugares, shoppings, asilos e eventos, e muitas vezes eram declaradas poesias por integrantes do grupo que tinham outras habilidades artísticas. Em meio a este repertório cultural, tinham as músicas clássicas, as sacras, as de natal e muita música popular brasileira. Todas cantadas a quatro vozes. Eu como maestrina vagava pelas linhas melódicas, como que escolhendo onde entrar e cantando as partes que mais gostava de cada naipe. E também sempre muito atenta, acompanhando cada grupo nos trechos de maior dificuldade. Eram momentos de presença total.

Foram períodos de muita musicalidade. Investigar as paisagens sonoras, descobrir e escolher músicas que falavam de natureza em suas letras, frequentar as aulas teóricas e práticas do curso de bacharelado em piano, os treinos e estudos frente ao piano, os estudos e preparação das músicas para o Coral da FURG, os ensaios do coral. Tinha também, volta e meia, os momentos de descontração entre amigos. Sempre tinha alguém com um violão para nos divertir. A música estava por todos os lados e de diversas maneiras e formas.

Neste momento, a conexão da EA e da música era totalmente fluída e imersa em minha vida. Pensar as práticas que seriam realizadas nos grupos aos quais eu atuava ou atuaria, vinham como um sentimento, uma emoção. Eu pensava no contexto, quem eram e me vinham as ideias do que eu sentia que era necessário trabalhar. Sentir os processos começou a ser uma rotina para pensar ações e metodologias de projetos por mim realizados. Existe uma racionalização, pensar nos objetivos, mas isto alinhado a uma intuição.

Foi nesta época que percebi que é possível se dedicar, estudar e praticar, e ser uma artista, pois a menina do interior, muito tímida não tinha mais medo de ousar. Entender que “dom” é uma facilidade, mas que a arte também é construção e aprendizado. A arte sempre

foi importante para mim e unir ela à minha forma de ser e atuar foi fundamental para me sentir viva e plena.

Assim como não existe educação sem comunicação, penso que não existem processos educativos sem uma intervenção ou imersão na cultura das pessoas ou de um coletivo. Os processos formativos em EA vinham sempre com arte, não meramente como técnica ou ferramenta, ou como produto de uma percepção, mas como construção de conhecimento ou como forma de manifestação e expressão de uma visão de mundo.

Olhar a vida e manifestá-la por meio da arte é permitir viver o sagrado, a magia, aquilo que não pode ou não precisa ser explicado. Simplesmente sentir e se emocionar, é o colorido, as bordas, é aquilo que, para mim, faz sentido. É a simplicidade do que é complexo e a leveza do que é duro e concreto.

A música sempre esteve presente, pelo menos desde o tempo em que ela entrou em minha vida. Acompanhou cada fase como que uma trilha sonora, sempre se moldando àquele momento, e ao mesmo tempo sendo uma terapia, uma leitura daquilo pela qual eu estava passando. Uma hora calma, outra agitada, uma mais contemplativa e outra hora expressando alegria e agradecimento.

Eu tive um período de silêncio também, onde fiquei por alguns anos sem ouvir música. Era uma pausa no e do som, na certeza de que sem ele nada de sonoridade existiria. Era como a necessidade de um silêncio interno, um aquietar-se no mundo. Outras paisagens sonoras surgiram...

Meus estudos musicais junto às práticas de EA foram um campo fértil de manifestações, e tive a oportunidade de experimentar seu potencial: a arte e a ciência juntas, a razão e a emoção em prol da educação, uma educação na sua concepção mais ampla. A arte vem para ampliar o olhar, e precisa vir primeiro, pois estamos, a meu ver, tão anestesiados,

tão duros, que agora, mais do que nunca é preciso desconstruir as estruturas que engessam e determinam como que nós temos que ser.

Acredito na diversidade, na imprevisibilidade dos processos, e prefiro que seja ao som de todas as sonoridades possíveis de serem ouvidas. Experimentei o quanto “abrir” os ouvidos podem te devolver a sensibilidade, e não perdi minha razão, ela só veio de forma mais leve e sutil. É assim que vejo a educação, leve e focada ao mesmo tempo, que busca um objetivo e que pode e deve não ser uma regra imposta para todos os contextos.

No momento atual precisamos de mais arte, mais música, precisamos descolonizar nosso olhar e ouvir outros sons, outras paisagens sonoras. Aliás, precisamos construir novas paisagens sonoras e a arte é um caminho. Ela é um instrumento de luta e de sobrevivência e, portanto, nosso respiro. Transformar os espaços que habitamos com arte e falar, mostrar estas experiências e aprendizados. A arte como pequenos lampejos, luzes de vagalumes a iluminar o universo da Educação.

IMAGENS

A MENINA DO INTERIOR QUE
FOI EM BUSCA DO MAR





UMA ANDARILHA PELAS ESTRADAS
DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL







O ENCONTRO DA EA COM A ARTE E A MÚSICA





sumário





* foto de autoria de Luan Allen.

MÚSICAS

MEMÓRIAS MUSICAIS DE UMA EDUCADORA AMBIENTAL METIDA A ARTISTA

Playlist de músicas:

1. Hunting high and low – A-HA
2. Brejeiro – Ernesto Nazareth (interpretado por Marcelo Bratke)
3. With or without you - U2
4. I see you – Yes
5. Mania de ser – Casa das Máquinas
6. Long Grey Mare – Fleetwood Mac
7. Núcleo base – Ira
8. Quando eu era sem ninguém – Tom Zé
9. El destino – Amparanoia

10. Florida dream – Dan Gibson
11. Yulunga (Spirit dance) – Dead can dance
12. Acalanto da saudade – Lorenzo Fernandez (interpretado por Miguel Proença)
13. Araruna – Marlui Miranda
14. Matança – Xangai
15. Te quiero – Mario Benedetti e Alberto Favero (interpretado pelo Coral Capilla de la Torre de Villaciosa)
16. Lampião – Banda de pau e corda
17. Algodão – Quarteto Novo

Memórias sonoras de Catia no Spotify:



<https://open.spotify.com/playlist/3gsYtwpjMcvysc0JYuyhep?si=q7ogKuwcSpW7gJREZL3aew>



A PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA:

sobre os acontecimentos
da vida e a imprevisibilidade
dos processos

UMA PESQUISA RECHEADA DE INCONSTÂNCIAS

Desde que entrei no mestrado, minha vida começou a ter outras rotinas. De certa forma eu queria isto, sentia esta necessidade, mas nunca é como você espera, não é mesmo? Sei que expectativas servem para serem quebradas, mas o que para mim estava sendo um pouco desafiante é a completa imprevisibilidade dos acontecimentos.

Eu gosto de lidar com os imprevistos, e acho que a própria vida é um reflexo disto, do quanto não temos como prever como as coisas acontecem ou vão acontecer. Mas confesso que isto está sendo bastante intenso nos últimos tempos.

Quando ingressei no mestrado, no primeiro semestre, fui morar sozinha. Só morei sozinha uma vez na vida, e por pouco tempo. Isto quando ainda era solteira. Agora com família e filho pequeno é um tanto estranho. É certo que tinha tempo para ler, fazer trabalhos e escrever algo, mas, sinceramente, nunca gostei de morar sozinha. Foi bom para os estudos e também para manter uma rotina de atividades físicas, que é importante e necessária para minha saúde. Caminhar na praia, escutar o som do mar, falar com ele, pegar sol, ler textos, frequentar as aulas, escrever no diário. Estar perto da praia tinha um ar de expansão, uma sensação de amplitude, de muitas possibilidades, inspiração e criação.

Quando estava começando a me habituar com esta dinâmica, a universidade entrou em greve estudantil, por mais ou menos sessenta dias. Eu tive poucas aulas! Estava começando a entrar em um ritmo compatível à dinâmica da universidade e tudo parou. Me senti deslocada, sozinha, perdida, e diante desta paralisação, decidi ir para casa, para perto de minha família.

Quando as aulas retornaram, quase no final do ano, entramos num ritmo mais acelerado para dar conta de recuperar o semestre. Inicialmente me dediquei às disciplinas e às atividades coletivas do grupo de pesquisa Tecendo do qual faço parte, e segui lendo algumas coisas para pensar o projeto, mas até aquele momento não avancei muito. A partir destes processos formativos iniciais, sentamos para uma primeira conversa, eu e meu orientador Leandro Belinaso, no final do ano, antes de entrar em férias. A partir desta conversa foi traçado um rumo para o adensamento da escrita do meu projeto de pesquisa.

A disciplina obrigatória da linha de pesquisa “Educação e Comunicação” trouxe algumas provocações sobre o que eu queria pesquisar, ou pelo menos do que não queria fazer. Mas é difícil ter uma certeza, uma clareza no início da caminhada, pois sempre se quer muitas coisas. No meu caso esta é quase uma certeza, pois gosto de mesclar, juntar, agregar. Como diz uma amiga: “Salvar dois coelhos num protesto ecológico só”.

Já no período das férias, outro ambiente. Pega família, junta tudo e sai. Festividades, passeios em meio à natureza, de preferência fora das áreas urbanas, banhos de mar, atolamento de carro em meio às dunas, almoços gostosos em restaurantes à beira da Lagoa dos Patos. Natal, abraços fraternos, cerveja e muito peixe.

Depois que as festividades passaram, consegui sentar, me centrar e pensar no que escrever.

Pensando sobre este processo percebi que há momentos em que não é possível escrever, ou melhor, parece que somos impedidos, não se encaixa uma escrita ali. É tanta dispersão e tarefas e coisas para fazer que não cabe um espaço para a escrita.

Após ter finalizado o primeiro capítulo desta dissertação, outra mudança, novas rotinas com a preparação para o retorno as aulas,

agora com a família inteira. Uma nova pausa de escrita, pois, há a necessidade de reorganizar a família em uma nova morada.

No começo do retorno as aulas, após as férias, com o filho ainda em adaptação à nova escola, nova surpresa: o surgimento de uma pandemia que fez o mundo inteiro parar. Fecha tudo, suspende as aulas e fica em casa em isolamento social.

A ideia de ficar perto da praia seria interessante se não fosse pelo fato de me ver sozinha com meu filho em casa tendo que “tentar” escrever uma dissertação. Para variar a imprevisibilidade dos acontecimentos surgiu quando meu companheiro ficou impedido de retornar a Florianópolis após uma viagem que fez ao Rio Grande do Sul. E assim, não pensei duas vezes e retornamos a nossa casa em meio ao mato na Serra Gaúcha.

No início quando chegamos à nossa casa no mato, estava incomodada com as inconstâncias da vida, do vai e volta, da não rotina, do medo da doença e da morte e de não saber onde isso tudo vai dar. Mais do que nunca a imprevisibilidade salta aos nossos olhos e temos que deixá-la no comando. Foi só o tempo da adaptação, principalmente mental, para voltar a uma tranquilidade possível.

O que me incomodava era não estar fazendo coisas consideradas importantes para mim, como manter uma rotina de atividades físicas, de estudos e de escrita. As mudanças constantes de lugar não estavam possibilitando isso. Até que consegui parar essa “paranoia mental” e me organizar neste novo lugar, que acredito que ficaremos um tempo até esta pandemia ficar mais branda.

Moramos numa área rural, um sítio no interior da cidade de Três Coroas – RS, e aqui rodeados de mato temos uma vida simples e tranquila. Apesar de ser um lugar tranquilo e silencioso, sempre tem muitas coisas a fazer, como cuidar dos plantios, regar e fazer podas de vez em quando. O que mais gosto daqui é o contato com a natureza,

conversar com os animais e as plantas, fazer caminhadas e observar a vida, ou melhor, as diversas vidas que existem por aqui.

Imaginar que tudo seguiria neste ritmo mais ou menos tranquilo, de só escrita, seria muito previsível. Mas onde estariam as surpresas da vida? As inconstâncias, a imprevisibilidade dos acontecimentos?

A vida se mostra. E em meio ao processo de escrita surge o Seminário Investigações sob(re) proposições sonoras da professora Raquel Stolf do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC. Eu havia me inscrito como ouvinte e após uma mensagem da Raquel de que as aulas começariam imediatamente, comecei a refletir sobre o porquê desta disciplina, e somente esta começar agora!

E como não achar que estas aulas irão interferir no meu projeto de pesquisa, em minha escrita? Me envolver em estudos e discussões sobre o uso dos sons na arte, as reflexões sobre leitura, escuta e escrita, silêncios e silenciamentos e a intervenção dos sons e das paisagens sonoras a nossa volta e o quanto isso reverbera na gente.

Sincronia do universo? Como não dizer que veio, talvez, para deslocar minha atenção e meu olhar/escuta para outros lados? Outros mundos? Novas experiências, e como disse uma vez John Cage (2019, p. 13), será “um ato cujo resultado é desconhecido”.

Já faz um bom tempo que tento observar os fluxos, sentir os acontecimentos que surgem e “tentar” ler as mensagens que a vida quer nos dizer. Quando você percebe que a vida é impermanente, inconstante, você começa a ser mais flexível e adaptável, tentando seguir o fluxo natural das coisas.

Como já disse anteriormente, não há como dissociar sua vida pessoal de sua produção intelectual. C. Wright Mills (2009, p. 26) descreve esta relação entre a vida da pessoa e sua carreira enfatizando que “nossas experiências de vida alimentam nosso trabalho intelectual”.

Mills acreditava que o conhecimento serve tanto para a sua própria formação como para o aperfeiçoamento de seu trabalho. “Muitas vezes você obtém os melhores insights ao considerar extremos – pensando no oposto daquilo que o interessa diretamente” (MILLS, 2009, p. 44).

Continuando a caminhada, o que mais a vida nos reserva? Que surpresas terão mais à frente? Difícil determinar, mas o mais interessante disso é a própria experiência que teremos e o quanto isso irá nos transformar e transformar nossa pesquisa. Como diz Luciana Ostetto (2018, p. 48), “falar do processo de uma pesquisa é falar de histórias de buscas, confrontos, encontros e travessias”.

EM BUSCA DE UM ESPAÇO DE ESCRITA



Pensando sobre os acontecimentos e a imprevisibilidade dos processos, comecei a achar que necessitava de um espaço de escrita, e num primeiro momento achava que ele estava dentro de mim. Era só uma questão de organizar internamente meu pensamento. Mas não é bem assim!

Algumas situações não nos permitem uma escrita sossegada, e nestas horas, partimos para o diário, para uma escrita rápida. Mas há momentos em que é necessário parar e se dedicar a uma escrita mais longa, mais profunda, onde as ideias possam vagar longe e retornar em palavras encaixadas. Como diz Skliar (2014, p.140) “as razões não estão na mão que pensa a escrita, mas na voz que treme”.

O primeiro texto ocorreu no sítio de meus pais, num espaço sossegado e após as festividades de fim de ano. No retorno à Florianópolis, após as férias e com o início do semestre, muita turbulência até entrar numa rotina novamente. Como falado anteriormente, quando tudo parecia se normalizar, veio a pandemia por coronavírus para o Brasil. A alternativa mais viável para um isolamento social foi retornar à minha casa na Serra Gaúcha. Em meio ao mato teríamos espaço para cada um fazer suas coisas, com direito a caminhadas em meio à natureza. Foi lá que consegui retomar a escrita, dois meses depois.

Acho que os ambientes influenciam totalmente na escrita e na pesquisa, pois eles determinam também nosso bem-estar e nossas emoções. Claro que as questões internas também influenciam, mas o que está dentro está fora também. A forma como me sinto é um reflexo da forma como vejo o mundo e vice-versa.

Quando resolvi fazer o mestrado foi porque sentia a necessidade de expansão, de fazer novas coisas e sair da caverna. De volta ao meio do mato agora, me sinto feliz por ter este espaço de refúgio, onde me sinto segura e onde me volto para dentro de mim mesma. É onde posso olhar o vento chacoalhando as árvores, contemplar e escrever.

Aqui o tempo é outro, o horário é conforme os fluxos... e assim vou indo... sentindo... uma hora escrevendo, outra hora separando coisas, olhando artigos, arrumando a casa, cozinhando e auxiliando meu filho nas tarefas escolares. Têm as plantas também, olhar elas e regar, uma poda aqui, muda uma pedra de lugar ali. O refúgio é este espaço de criação

cotidiana, onde você consegue ter tempo para si mesmo e construir as coisas que se determinou a fazer, seguindo um ritmo mais seu.

Descobri, refletindo um pouco sobre estes tempos, que o processo de escrita, pelo menos para mim, vem sempre intercalados por períodos de produção e períodos de pausa. E que a pausa é aquele momento de preparação do corpo e da mente para este outro momento, o de produção.

Eu sempre achava que fosse uma fuga porque quando precisava escrever algo, demorava dias, ou até semanas para sentar e começar. Soava como uma enrolação, mas não! A necessidade de fazer coisas antes é para eliminar as distrações ou compromissos já firmados e assim poder liberar a mente, como organizar a casa que é também como uma organização interna. Preparando o corpo e a mente durante estas tarefas, você já começa a organizar o pensamento, encaixando as ideias, vendo por onde começar, ou o que precisa estudar mais e investigar para assim poder escrever.

E assim começa... cansa ... contempla... pára! E do nada vem as ideias e você precisa correr para anotar senão vai esquecer! Quando não tem mais ideias, lê um livro, assiste a um filme, conversa com amigos, desvia a atenção e renova o pensamento. Com certeza, quando retomar a escrita, ela já não será mais a mesma!

ENTRE PAUSAS, SILÊNCIOS E ESCRITAS HÁ DEVANEIOS PERTINENTES

Enquanto sigo um caminho de pesquisa, a vida e seus questionamentos andam juntas. Em meio a uma pandemia que “parou o mundo das pessoas”, várias questões, provocações, sentimentos e sensações

vêm à tona. Dentro desse caldeirão uma pausa é inevitável e também uma reflexão para os assuntos que brotam sobre o mundo à nossa volta.

Uma das questões que me vem à mente corrobora com as ideias de Ailton Krenak. Em seu recente livro “O amanhã não está à venda”, que fala sobre este momento que estamos passando, ele anunciou:

O ritmo de hoje não é o da semana passada nem o do ano novo, do verão, de janeiro ou fevereiro. O mundo agora está em suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos o que realmente importa (KRENAK, 2020, p.6).

Em outro trecho do livro, Krenak complementa ainda dizendo “tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro” (KRENAK, 2020, p. 7).

Penso que este modelo de sociedade, de produção e consumo em que a economia e o capital valem mais que vidas é completamente insano e doentio. Isto é visível no dia a dia, no estresse, no cansaço, nas ansiedades, nas doenças mentais que se alastram. E como mudar isso se está dentro da gente, em nossa cultura? Parece que se não produzirmos, se não “rendermos”, não somos nada!

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han descreve a atual situação da sociedade. “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção (HAN, 2015, p. 14).” Nas ideias dele esta maximização da produção já está impregnada no inconsciente social.

Segundo Han (2018), o indivíduo vive uma angústia de não estar fazendo tudo que poderia fazer, explorando a si mesmo e criando uma falsa sensação de que está se realizando. Em uma reportagem para

a revista El País, o autor fala que “necessitamos de um tempo livre, que significa ficar parado, sem nada produtivo a fazer, mas que não deve ser confundido com um tempo de recuperação para continuar trabalhando; o tempo trabalhado é tempo perdido, não é um tempo para nós”.

Essa pausa, essa vírgula é necessária. Do silêncio, da escuta, como já havia dito anteriormente, precisamos de uma outra paisagem sonora. Talvez o ponto da questão esteja no ouvir os processos, escutar a vida, deixar a razão de lado um pouco e cultivar a sensibilidade, a arte, a leveza.

Outro assunto que vem à tona é sobre a tolerância e o diálogo com a diferença. Um exercício extremamente difícil. Eu penso que a tolerância diante da morte é ignorância. Por mais que eu aceite a forma de ser e pensar do outro, o atual contexto político me faz pensar no limite desta aceitação. Pensar nas coisas que me incomodam e daquilo que para mim não é tolerável faz acionar a minha sombra, a minha escuridão, coisas que não gosto de sentir ou que me provocam, me tiram da zona de conforto. Aceitar que não sou obrigada a tolerar tudo é importante e meu limite é esse, de que o diferente existe, mas a partir do momento em que este diferente vem para eliminar as outras diferenças, para mim não é aceitável. E nisto vem as minorias, as miudezas, as culturas e povos que estamos perdendo, e que nas sombras, às escondidas, estão sendo eliminadas sem notarmos. Quando vemos já foi!

Para isso novamente a pausa, para viver a vida em outro ritmo, mais leve, mais lento e não menos intenso. Por isso que durante o caminho é bom parar e observar a sua volta. O que você vê, o que você sente? E nesse sentido a escuta ressurge novamente.

Estou pensando muito o quanto a escuta e o ouvir são importantes. Estamos tão cheios de razão, de pensamentos, de certezas e achismos que nunca damos espaço para o outro: para a outra pessoa que está ao lado e quer, de repente, falar algo; os outros seres

que habitam o mesmo espaço que a gente e que nem ao menos estabelecemos um diálogo; os outros pensamentos que querem aflorar, e que por pressa nem deixemos ele se manifestar.

A minha caminhada é essa, e a minha escrita vem permeada dos acontecimentos do meu dia a dia. Das conversas e filosofias com os amigos sobre o mundo ou sobre um suposto “fim do mundo”, da revolução do planeta e sua mensagem de “basta”. Dos sentimentos de raiva e de compaixão perante um mundo de incertezas e de uma série de “atentados” à democracia em meu país. Das caminhadas na mata que acalmam o meu ser e coloca o meu corpo em equilíbrio e movimento.

Uma escrita recheada destes momentos, pensamentos e sentimentos. A minha paisagem sonora, neste momento, é o som dos meus pensamentos rabiscados nas páginas deste papel.

A PESQUISA COMO REFLEXO DO QUE VIVEMOS



Não é o caminho é a caminhada. Já dizia Guedes e Ribeiro (2018, p. 30): “O caminho, na verdade, não existe. Existe o caminhar, o fazer e habitar o caminho, experimentá-lo, experienciá-lo, fazê-lo no processo da caminhada.”

Este projeto de pesquisa, quando apresentado para a seleção de mestrado, foi elaborado em linhas gerais, deixando aberto à possibilidade de defini-lo melhor depois. Naquele momento, a dificuldade de determinar um foco dentro das muitas possibilidades imaginadas por mim, de qual recorte teria o projeto, era um dilema, uma incógnita. Então, deixei para quando falasse com o meu orientador.

Durante todo o primeiro semestre conversamos sobre o projeto através do Seminário de Pesquisa. Houve muitos atravessamentos, aulas, greve, e, comecei esta caminhada. As aulas e não aulas fizeram parte desse processo. De alguma forma, tentei registrar estas reflexões em meu diário de pesquisa.

Nas primeiras leituras sobre pesquisa e caminhos teóricos me interessei pela abordagem contida em um artigo de Magda Soares e Ivani Fazenda sobre “*Metodologias não convencionais em teses acadêmicas*”. Uma das questões que me chamou a atenção durante esta leitura é a possibilidade de o pesquisador ser parte do processo de pesquisa. Como diz a autora: “escrever sobre a própria prática é um ato de ousadia (FAZENDA, 2001, p. 135/136)”. Acho que fazer ciência é uma ousadia, ainda mais nos tempos atuais! Então, por que não ousar mais ainda e falar das nossas experiências enquanto educadores e pesquisadores que somos?

Eu sabia que minha experiência e histórico de atuação fariam parte, mas se isto seria o foco da pesquisa, não era claro ainda para mim. De fato, a primeira escrita da dissertação foi a narrativa e o resgate da minha história com a educação ambiental e a música. Nada mais justo, afinal, a pesquisa é o que se faz e o que se vive.

Depois deste primeiro texto, em conversa com o orientador, comecei a perceber que este processo de pesquisa seria definido em sua própria caminhada. Eu, até então, estava preocupada achando que era necessário definir o objetivo e a pergunta de pesquisa antecipadamente. Mas percebi que esta busca e o próprio processo de pesquisa se revelaria no ato de caminhar/pesquisar.

Após escrever o texto sobre as memórias de uma educadora ambiental, ouvi um áudio do projeto “Um livro em 5 minutos”¹⁰ do Leandro, em que ele falou de um livro que tem uma seção de fotos narrando a história contada por meio de imagens. Aquilo ficou ressoando em mim e também quis fazer as memórias imagéticas de minha história. Foi assim também que surgiu na sequência a vontade de elaborar as memórias musicais, afinal, esta narrativa também se refere a minha conexão com as paisagens sonoras da minha vida.

Comecei a vasculhar meus arquivos de fotos antigas. Desde o projeto Carona Brasil criei o hábito de registrar e eternizar alguns momentos vividos. É muito gostoso este exercício de recordar os lugares, os episódios, as amizades, as alegrias, um momento propício para os dias atuais. Achei meus diários antigos com as espirais das cadernetas enferrujadas e um cheiro de mofo que trazia uma certa nostalgia. Fiquei vários dias olhando estas relíquias.

Escutar e escolher as músicas que fariam parte do meu repertório de memórias sonoras me fez arrepiar a pele e a sair lágrimas nos olhos. São muitas memórias afetivas, lembranças alegres, e não só alegres, mas que estão bem vivas ainda dentro de mim. A arte realmente faz você vibrar, mergulhar em diversas sensações. A música ainda mais para mim, pois o som entra e vai lá dentro. Escutando minha seleção percebi como nas mais variadas bandas e estilos musicais sempre tem

10 Um livro em 5 minutos é um projeto de autoria de Leandro Belinaso. O autor revista suas anotações feitas em livros literários e elabora a produção de podcasts de 5 minutos, sem edição, falando dessas obras lidas por ele com bases nessas anotações feitas nos livros a partir da leitura na época.

um piano, ele está ali presente, envolvendo e preenchendo o som. A escolha das músicas não foi difícil, mas algumas, definidas por mim como imprescindíveis para estar nesta lista foram bem difíceis de encontrar. Muitas ficaram de fora, mas creio que esta composição deu conta de mostrar meu “pequeno” repertório de memórias musicais.

Neste mesmo momento da pesquisa em que fazia um mergulho em minhas memórias (imagéticas e sonoras) houve o retorno de um grupo de amigas da época da graduação. Fizemos alguns encontros virtuais para falar de como estamos, o que estamos fazendo e o que achamos de tudo isso que está acontecendo no mundo. Este bate papo acabou num movimento de compartilhar fotos nossas da época. Vasculhando os arquivos antigos de fotos me deparei com vários outros momentos, e aproveitei a oportunidade de separar fotos para o memorial para também separar e compartilhar algumas fotos com as amigas e também com os familiares.

Os acontecimentos não são aleatórios. Acredito na sincronicidade, e por isso, que no mesmo momento em que estou escrevendo sobre minha história, as pessoas surgem trazendo as memórias. Foi lendo os textos de autores que trabalham com som que surgiu a vontade de falar sobre o potencial das paisagens sonoras em processos educativos. Foi realizando a minha caminhada na mata que veio a ideia de falar da tolerância e sobre a pausa e o silêncio.

Neste mesmo sentido, o contato com a disciplina de proposições sonoras da Raquel Stolf me provocou a pensar sobre o que seria uma proposição sonora e o que isso tem a ver comigo, com a minha atuação e sua relação com a educação ambiental e as paisagens sonoras. Partindo dessa reflexão, algumas perguntas ficaram ressoando: Quais são as minhas proposições sonoras? Qual a minha forma de fazer arte? E o que isso tem a ver com Educação? São perguntas que talvez mereçam uma resposta e que considero interessante aprofundar neste percurso de pesquisa.

A essa altura, eu já estava percebendo que o importante era seguir o caminho e que neste percurso surgiriam todas as questões da pesquisa. Isto ficou mais claro para mim quando em uma das conversas de orientação com Leandro, ele me sugeriu escrever sobre esta experiência de pesquisa no momento atual, de circunstância de isolamento físico e pandemia. Desde então meu diário vem sendo preenchido com questões que me vem à mente, de reflexões e debates pertinentes do momento.

E como separar o resto da minha vida, dos demais acontecimentos com esta dissertação? Isto não é possível, não para mim e nem neste momento! Aqui, em isolamento, mesmo que eu quisesse, não faria sentido. Da mesma forma que hoje não temos como definir como será o amanhã, ou que estamos vivendo um momento de total imprevisibilidade, a habilidade está em seguir os fluxos, ou melhor, senti-los.

Foi assim que entendi que esta condição ao qual estamos vivendo, de pandemia, e que me “forçou” a uma mudança de rotina e até de lugar, moldou e transformou esta pesquisa. Ela se voltou ainda mais para dentro de mim, narrando a pessoa-pesquisadora que sou, uma pesquisa da minha relação com o mundo de fora e de dentro.

Desde a graduação sempre me questioneei o porquê desta separação entre o que é acadêmico e o que não é. Existem vários corpos dentro de um corpo só. Tem a Catia oceanóloga, a Catia educadora ambiental, a Catia maestrina, a Catia filha da Dona Ivone, a Catia que gosta de mar, mas também de floresta. Ou isso ou aquilo. E por que não tudo junto, já que sou tudo isso?

Os estudos e a pesquisa acompanham os ritmos da vida, se adaptam a cada momento. Para mim a pesquisa vem de dentro, das indagações mais profundas, das questões que me provocam e que ficam ressoando. Das perguntas sem respostas e das descobertas que me motivam a continuar vivendo. Não sei fazer pesquisa sem que ela também

venha de uma intuição, de um sentir, de uma resposta que bate no coração. Enquanto não vem este “bater” eu fico buscando, estudando, procurando sentido e conexão, seguindo um caminho metodológico.

Guedes e Ribeiro (2018, p. 21) se referem a uma “pesquisa que busca escutar e prestar atenção como forma de estar presente”. Segundo estes autores, é possível conceber “uma pesquisa educativa como ato de criação, aberto, flexível a mudança, jornada em que não se sabe exatamente aonde se vai chegar. [...] Se pensarmos em uma metodologia que vai sendo esculpida no desenvolvimento mesmo da pesquisa, ao longo do acontecer e caminhar, então estamos falando de uma metodologia singular” (p. 27).

Assim está sendo esta pesquisa, perseguindo os assuntos, tateando, sentindo, com uma pausa para ouvir o vento tocando nas folhas, esperar uma resposta ou não, e continuar. As indagações surgem como mensagens vindas dos acontecimentos que surgem e também do que borbulha dentro do meu corpo.

Não sei fazer pesquisa sem notar todas estas coisas “minúsculas” que estão acontecendo à minha volta. Elas insistem em fazer parte, afinal, pesquisar é um ato de descoberta. “Como não prestar atenção naquilo que acontece entre nós?” (GUEDES; RIBEIRO, 2018, p. 22). Seguir este rastro é fazer da ciência um reflexo do que vivemos no momento. Definitivamente não é o caminho e sim a caminhada!

ENSAIANDO UMA PERGUNTA DE PESQUISA

Um das reflexões que voltou com grande força em mim foi pensar nos silêncios e nos processos de escuta. Me instiga muito pensar sobre a importância do silêncio e da escuta, dos momentos de pausa e respiro na educação. Com o agito da sociedade moderna, considerando

a velocidade de informações e a quantidade de conteúdos, a desaceleração, do corpo e da mente, é necessária. Não adquirimos conhecimento com excesso de informação. O aprendizado vem do contato, com o envolvimento, com a reflexão sobre, e tudo isso nos remete a um outro ritmo. Por tudo isso, a pausa e o silêncio, respirar e oxigenar, pode ser a alternativa que procuramos para repensar os processos educativos.

Como já falei anteriormente, precisamos ouvir os processos, escutar a vida e suas manifestações, cultivar a sensibilidade, a arte, a leveza, e quem sabe criar novas paisagens sonoras.

Refletindo sobre as questões acima, minha investigação se volta a pensar na contribuição da arte e mais especificamente da música, do universo sonoro ou das paisagens sonoras para a educação ou para os processos educativos de educação ambiental. A arte pode desenvolver a sensibilidade e trazer mais leveza para a educação? Qual o potencial das experiências sonoras para desenvolver em nós uma escuta mais sensível do mundo? A música e as paisagens sonoras podem contribuir para nos trazer de volta a habilidade de ouvir os processos, escutar a vida e nos reconectar com a natureza?

Essas são algumas perguntas, mas existem muitas outras. Elas não necessariamente vêm para serem respondidas e sim, para provocarem uma investigação, uma reflexão sobre todas as questões discutidas neste projeto de pesquisa.

PROCESSOS ARTÍSTICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fui desafiada a criar no percurso investigativo desta dissertação uma proposição artística sonora e/ou uma proposição educativa sonora. A proposição artística sonora veio da disciplina ministrada pela professora

Raquel Stolf da UDESC e a proposição educativa veio de Leandro Belinasso, meu orientador. Por mais que uma seja oriunda de uma disciplina com foco mais na produção artística e a outra, uma proposta de prática pedagógica, não há como negar a articulação entre ambas. Primeiro porque as duas estão acontecendo ao mesmo tempo, e outra porque o tema central é som/música/paisagens sonoras.

Quando comecei a fazer a disciplina da Raquel comecei a me perguntar o que seria uma proposição sonora. Foi aí que me dei conta de que a minha forma de fazer arte é diferente, pois não me considero uma artista, mas uma educadora que faz arte. Ou que busca na arte uma forma diferente de se relacionar com o mundo, a arte como criadora de universos, de relações e de saberes. Foi durante esta disciplina também que muitas outras questões e reflexões surgiram, onde conheci outras formas e trabalhos em arte que se nutrem de sons para suas criações.

Pensar em proposições neste momento é, de repente, abrir mão de elaborar propostas para grupos ou vivências que exijam contato e presença. A pandemia, com a necessidade de distanciamento social, nos desafia a pensar em outras formas de contato. Leandro me provocou a elaborar uma proposta que eu possa fazer comigo mesma ou de forma virtual. Olhar para dentro de si gera grandes descobertas e isso tem muito a ver com o momento em que estamos vivendo. Aliás, pode ser uma ótima oportunidade de provocar e propor experiências que nos façam refletir sobre os sons à nossa volta, sobre os sons internos e os sons que produzimos.

Refletindo sobre proposições sonoras articuladas com educação percebi que, durante a construção desta pesquisa, aconteceram e está acontecendo alguns processos que são complementares entre si.

No capítulo 1, por exemplo, o mergulho em minhas memórias e as músicas que fizeram parte desta história foi um exercício muito gostoso de resgate da minha sonoridade, dos meus gostos musicais que acompanharam estes momentos da minha vida.

Isso foi só o começo do processo de experimentações sonoras e artísticas dentro desta pesquisa de mestrado. Mal eu sabia os desdobramentos disso e o que viria mais a frente.

DIÁRIOS COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO E CRIAÇÃO

Tudo que não invento é falso
Manuel de Barros

Como já havia dito no primeiro capítulo desta dissertação, os diários fazem parte da minha vida desde há muitos anos. Eles vieram de forma bem singela, despreocupada e despretensiosa, mas que ganhou um sentido e significado muito grande ao longo de todos esses anos de convivência.

O Diário de Bordo, do inglês *log book*, é uma ideia antiga, que remete aos registros de viagens. Nos filmes antigos de todos os tempos acostumamo-nos a ver os desbravadores de novas terras, pesquisadores, antropólogos, expedicionários, cientistas diversos, anotando em seus cadernos pequenos, amarelados e rústicos, as experiências-acontecimento do caminho. [...] Também encontra uma analogia com os diários pessoais e certa cultura de se escrever e registrar, diariamente, o que acontecia (MELLO, 2016, p. 194).

O hábito de fazer anotações surgiu efetivamente quando fiz a primeira viagem pelo Projeto Carona Brasil. Eram caderninhos pequenos com o intuito de registrar a viagem, o que aconteceu, por onde passamos, quem conhecemos, onde dormimos, todos os acontecimentos desta aventura. Foram muitos caderninhos em duas viagens que eu guardo até hoje. E foi a partir destas viagens que os cadernos de anotações se tornaram parte da minha prática de escrita e de pesquisa. Para mim eles são muito mais que uma anotação, eles são

a minha fonte de inspiração, pois é no movimento do lápis que as coisas vão tomando forma e se materializando.

O hábito de anotar também veio para não esquecer as ideias e as coisas que preciso fazer. Envolvida sempre em vários projetos e ações, os cadernos me ajudam a organizar as ideias. Às vezes tenho mais de um diário, mas é comum ter um caderno grande dividido em partes para cada projeto. Tenho diários que são registros de viagens, diários de construção de projetos e de ideias, de propostas de oficinas de paisagens sonoras, anotações de coisas que ainda nem surgiram, mas que brotaram na mente, anotações de coisas do dia a dia que preciso fazer, de disciplinas, todo o tipo de anotação que envolve a minha vida.

Segundo Giovana Scareli (2021, p. 14), “a anotação das ideias é um recurso para ter em mãos aquilo que pensamos num determinado momento e de que não nos lembraríamos, a que não teríamos mais acesso, caso não estivesse anotado. Mas não anotamos apenas ideias. Cabem inúmeras coisas em um caderno [...]”.

Uma outra coisa que passei a fazer junto com esse processo de anotar é organizar as ideias como mapas mentais. Todas as coisas, sonhos, vontades, desejos de ação que pretendo/quero/preciso realizar, são colocadas ali na tentativa de estabelecer conexões e visualizar rumos possíveis. Ou seja, meus diários não têm somente a ver com projetos de pesquisa ou de práticas relacionadas ao trabalho ou de ações de educação ambiental. Eles são uma mistura de todas as coisas que fazem parte da minha vida naquele momento. Às vezes é parte de um processo que leva anos a ser concretizado ou até mesmo nunca concluído, pois as vontades mudam ou perdem o sentido no meio da caminhada.

Eu faço cadernos de anotações há mais de 20 anos e eles surgiram no mesmo momento em que passei a praticar educação ambiental. Hoje posso dizer que os diários ou cadernos de anotações são parte fundamental do meu processo criativo. Pensar e elaborar

minhas práticas educativas começam com rabiscos, mapas mentais, coisas que precisam fazer parte ou que não podem ficar de fora. E tudo começa no silêncio, na respiração, na pausa. Neste momento só existe o caderno, o lápis e meus pensamentos em conexão com o mundo a minha volta, ou melhor, minha intuição, daquilo que sinto que precisa estar/fazer parte. Na pausa e no respiro as ideias brotam pelo lápis. Às vezes parece uma psicografia, e a mão e o lápis deslizam na folha, rabiscando quase que sozinhos.

As leituras de textos e artigos também fazem parte desse processo. Ao ler e fazer conexão com os pensamentos dos autores, muitas vezes fazem surgir “insights” dos meus processos do momento. Tudo isso fica registrado, as frases que me chamaram a atenção e junto, misturado, num canto às vezes, o que surgiu de mim ao ler os escritos dos outros.

Quem olha meus diários provavelmente não entende quase nada, pois são garranchos, de uma escrita rápida e cheia de linhas, asteriscos, setas e outros rabiscos aparentemente fora de contexto. Muitas vezes me perco nas anotações, quer dizer, não é um perder-se e mais um achar-se, principalmente quando estou num momento de suspensão de ideias tentando encaixar ou preencher algum vazio existente. Ou quando estou quase dando forma a um pensamento e minha memória me faz voltar em anotações que lembro que fiz, mas que meu olhar não está preparado para ver. Isso acontece muito, eu passo várias vezes pela mesma anotação e não acho o que estou procurando. Eu fico perseguindo uma palavra e sei que “este encaixe de ideias” está naquela anotação que fiz há um tempo atrás. A palavra que estou procurando nem existe às vezes, mas em um certo momento desta procura, eu encontro no trecho da anotação o que procuro: o encaixe das ideias.

O uso que fazemos de diários, inevitavelmente, afastam-se de uma postura contemplativa do pesquisador com “seu objeto de pesquisa” que é descrito e registrado [...]. Não se trata,

portanto, do registro de “mera informação”, mas da produção de intensidades, materializada em conceitos [...]. Um diário é uma carto-grafia (grafia de uma comunicação) de intensidades (MEDRADO *et al.*, 2014, p. 279).

Os diários são parte fundamental da minha escrita. Quando digo a minha escrita, é aquela que sai de dentro, que tem a minha cara e que mostra como é a minha forma de narrar, de falar e de escrever, uma “forma de testemunhar a liberação dos afetos que, enquanto capturados, interdita a vida como vontade de potência (GODOY, 2008)”. Textos mais técnicos não precisam necessariamente sair de uma escrita no diário. As ideias sim, todas saem de um rabisco num papel. São por meio das anotações que todas as invenções metodológicas e práticas educativas surgem. Esta dissertação, onde falo de minha pesquisa, está saindo todinha de um diário. É claro que quando passo para o computador, ela recebe vários outros trechos que vão complementando e enriquecendo o texto, mas tudo começa no diário.

Como diz Mello (2016, p. 201), “o ato de escrever é sempre um agenciamento com um fora, é saída de território, é devir, é um ponto de fuga que permite uma desterritorialização, um agenciamento em conexão com tantos outros, imprevisíveis.” Como disse, considero os diários a minha fonte de inspiração, pois por meio deles eu navego para longe, crio novos mundos, novas ideias, coisas que me motivam a seguir pensando e elaborando processos educativos, de educação ambiental, sempre com muita arte e movimento. Meus diários são maneiras de trazer para fora e mostrar minha imaginação e meu devir, uma arte mais singela e singular sobre o mundo e a vida que eu vivo e que habita em mim.

Ser a cada momento aquele que nos tornamos, assumir a realidade que nos torna diferentes e múltiplos, permanecer na imanência dos encontros e acontecimentos, enfrentar a dor da existência com alegria, fazer da vida um exercício de estilo, ter a coragem de se inventar, a cada momento, num plano artístico – tudo isso significa fazer da vida uma obra de arte e inventá-la, como afirmação, a partir de um querer-artista. O Diário de Bordo?

Apenas uma testemunha, uma doce testemunha, a experiência que pode possibilitar tal processo (MELLO, 2016, p.204).

DIÁRIOS DE SONS: A EXPERIÊNCIA DE “MUSICAR” A EXISTÊNCIA

Há anos atrás, quando comecei a trabalhar com paisagens sonoras em ações de educação ambiental, elaborei alguns diários de sons. Eram cadernos de anotações com meus estudos e experimentações sonoras. Ali eu registrava os sons que ouvia, e também os trabalhos, reflexões, planejamento e as ideias de atividades a serem aplicadas nos grupos que eu trabalhava na época, e que foi a base de construção da minha monografia, onde relato as oficinas e experiências sonoras em grupos de crianças, jovens e adultos.

Depois desses diários de sons, nunca mais havia feito outros, e logo depois parei com as atividades sonoras. Um hiato no tempo que me levou a outras experiências e trabalhos também no campo da educação ambiental. Retornei a questão sonora no mestrado, e jamais imaginaria que minha prática nesta pesquisa me faria voltar a criar diários sonoros.

Ao ser provocada a criar uma proposição sonora, em uma conversa com Raquel Stolf sobre o que poderia fazer, meu pensamento estava voltado a realizar processos educativos para além de mim. Foi nessa conversa que a ideia de um diário de sons surgiu. Quando contei a Raquel de que com a pandemia havia retornado ao meu sítio na Serra Gaúcha, e que estava rodeada de mato e também de que estava ao lado de um Centro Budista, conversamos e fizemos muitas articulações a respeito do momento e do lugar, e dos sons que estão a minha volta. Criar algo que falasse deste período de pandemia, do meu refúgio como

espaço de proteção e isolamento social foi a conexão que encontrei para esta proposição sonora, falar da minha casa, um dos lugares mais silenciosos que já conheci. Foi assim que surgiu a primeira experimentação sonora intitulada “Os silêncios e não silêncios da/na pandemia”.

Após a qualificação, em uma conversa de orientação com Leandro, tivemos a ideia de continuar com estas criações sonoras, ou seja, compor/sonorizar alguns momentos da educadora ambiental metida a artista narrados no capítulo 1.

Foi assim que surgiram as demais experimentações sonoras. Elas são um misto de sons, imagens e palavras, levando em consideração as memórias, os sentimentos e as emoções associadas a estas lembranças. O que pensava, sentia e escrevia na época também foram importantes, pois deram um brilho a mais para estas composições.

UMA PESQUISA CONTAMINADA POR UM VÍRUS

Aqui estou eu novamente, abril de 2021, sentada na frente da minha casa rodeada de mato, sentido o vento e o barulho das folhas nas árvores. Um ano já se passou e ainda estamos neste dito “isolamento social”, ou seja, segundo ano de pandemia por coronavírus e nenhuma chance de vislumbrar um final.

Muitas coisas já se passaram, principalmente dentro de mim. Desde final do ano passado (2020), depois que passei pela banca de qualificação desta pesquisa de mestrado, a escrita parou. Nas férias, novamente na casa de meus pais, achei que conseguiria retomar, mas não foi possível, pois tive que ajudar meu pai que necessita de cuidados. As aulas seguiram junto, e isso de certa forma tomou um pouco do meu tempo.

A questão é que fazer pesquisa em plena pandemia é uma experiência totalmente diferente, estranha. Se fazer pesquisa já não é uma tarefa simples, realizá-la neste contexto, tornou-se muito mais desafiante. A pandemia atravessa, corta, faz fissuras. Me refiro ao que a pandemia faz aflorar em nós, transformando completamente nossas rotinas e nossas vidas.

Quando menciono pandemia, estou falando do que estamos vivendo hoje, e de como me sinto neste contexto: Brasil ainda sem controle da Covid-19, isolamento praticado somente por uma parcela da população, gestão e governança públicas caóticas, polarização política extrema entre a população, negacionismo científico e fake news se disseminando também sem controle ou discernimento, população cada vez mais pobre e passando fome, pessoas adoecendo e morrendo, vacinação a passos lentos.

Um resumo bem grotesco das questões que nos “assombram”, ou melhor, me assombra. Estas coisas batem e entram em mim, e sinceramente, não estão me fazendo muito bem. Tentar conviver com isso e achar que não me afeta é tentar enganar a mim mesma. Confesso que ultimamente me sinto fraca, sem energia, uma mistura de desânimo e de ansiedade. É difícil manter uma sanidade mental nesta situação, e desta forma, nossa produção intelectual, nossa criatividade é afetada.

E como fazer pesquisa sem energia? Como viver sem entusiasmo? Foi assim que passei o mês de abril de 2021, atirada na cama, sem forças. Diagnóstico: Covid-19!

Quando comecei a não me sentir bem, fiquei meio confusa, me perguntando será que é? Uma leve dor de garganta, que logo sumiu. Esperei mais um dia para ver como seria, e seguiu a mesma coisa, só um cansaço extremo. Eu precisava investigar, pois algo eu tinha, mais dias e uma leve náusea e dor de cabeça.

Seria tudo tranquilo se não fosse o depois. Para mim o pós-covid é que foi uma eternidade. Passei tranquilo pela fase viral, mas após o 12º dia, onde tecnicamente tudo deveria começar a ficar melhor, eu comecei a ter febre. Esta doença é seca, acordava com minhas vias respiratórias e garganta completamente secas, os mucos grudavam no fundo, agarrados e eram difíceis de eliminar. E assim piorei, me sentia mal fisicamente e só queria ficar deitada. Para piorar, todos da família pegaram, e eu ainda tinha que ter forças para cozinhar.

Fiquei alguns dias com medo, pois não melhorava. Eram exames e mais exames e um processo inflamatório sem explicação. O pulmão forte, sem nada, o corpo fraco, sentido um cansaço e um mal-estar que nunca acabava.

E a pesquisa? “Os amanhã nos exigem caminhar com passos leves, com justeza e justiça, para que não pisoteemos no olho da TERRA (OSUNDARE apud AZAM, 2020, p. 24).” Se é para falar sobre pesquisar a vida, aí eu poderia dizer que mergulhei fundo para dentro do meu corpo e lá fiquei alguns dias hibernando, tentando se agarrar no fio sutil e frágil que é a nossa vida, para depois, retomar aos poucos e bem devagar, a respiração e a lucidez. Uma pesquisa recheada dos acontecimentos cotidianos com um ritmo a cada momento. Agora, um outro tempo-espaço e com sentido renovado, com uma nova escrita e um novo rumo talvez.

Se sentir frágil e doente é uma sensação muito ruim. Se ver impotente frente a um vírus e perceber o “estrago” que ele pode fazer é angustiante. Segundo Geneviève Azam, ele:

Permite-nos experimentar nossa condição comum de seres carnis e vulneráveis, sentir nosso pertencimento a uma comunidade biótica composta por seres humanos e outros seres não humanos. [...] O vírus não é um inimigo nem um amigo, ele habita a teia da vida que nos irriga (AZAM, 2020, p.11).

Talvez ele venha para transformar e fazer ressurgir uma outra forma de ser e estar no mundo. Talvez! “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver (KRENAK, 2020, p.24)”. Em momentos assim, não se pensa, só se sente. Uma pausa bem longa, um silêncio profundo sem respostas. Uma parada e um tempo para o corpo retomar a energia necessária para seguir seu caminho. Dar tempo ao tempo e ter tempo de fazer o que é preciso: descansar e respirar! Uma pesquisa em suspensão. Nada de agenda, de diários, de aulas e coisas a fazer. Nada de nada. E como diz Krenak (2020, p. 116), “o que nos resta é viver as experiências, tanto a do desastre quanto a do silêncio”.

Estou feliz agora por me sentir viva, lúcida. Estou bem hoje porque tenho boa saúde e porque fui bem assistida e instruída por profissionais da saúde e médicos dispostos a me acompanhar. Quando penso que a maioria das pessoas não tem acesso a um mínimo de informação a respeito sobre qualquer doença, penso que sou privilegiada. E isso me deixa triste, pois gostaria que todos pudessem ser cuidados e atendidos da mesma forma.

A frieza com que muitos olham para esta pandemia me dá certo medo. Ver muitas pessoas repetindo falsos discursos como, “o Brasil não pode parar por causa de uma gripezinha”, levando e incentivando pessoas a adoecerem e arriscarem suas vidas, é para mim no mínimo insensível e totalmente insano. Vejo com muita crueldade este discurso aliado a esta estratégia, ou falta dela, de que não há o que fazer senão sair para as ruas, contrair o vírus e adquirir a tal imunidade de rebanho.

Olhando para este cenário, para os acontecimentos do dia a dia e não se sentir tocado ao ver tamanhas atrocidades, violação de direitos, pobreza, fome e sofrimento das pessoas é impossível para quem se importa com a vida nas suas mais diversas manifestações. Como diz Boaventura de Sousa Santos (2020), “a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem estado sujeita”.

Pensar pesquisa em educação em tempos de pandemia é isso. Enquanto sigo um caminho de pesquisa, a vida e seus questionamentos andam juntas. Há tantas questões que estão reverberando e que permeiam este universo. Não daria conta de falar de todo o repertório que existe, muito menos expor os milhares de pensamentos que me invadem. A velocidade e o turbilhão de acontecimentos são demasiados para darmos conta de falar de uma realidade, ou de tentar traduzir em palavras tudo que estamos sentindo e experienciando.

“No momento em que a condição humana é ameaçada [...], aspiro a reencontrar a condição terrestre” (AZAM, 2020, p.33). Para Krenak (2020, p.112), “viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência [...], experimentar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida”. Parafraseando Krenak, “a vida não é útil”, ela é viva, única e desinteressada. Aliás, no final das contas, o que interessa é somente vivê-la, experimentá-la, senti-la, ouvi-la, e isso não ficou suspenso em nenhum momento.

CARTOGRAFIA NA PESQUISA E NA EDUCAÇÃO: DERIVAS AFETIVAS EM COMPOSIÇÃO



No ano de 2021, minha pesquisa foi afetada pela disciplina “Cartografias Intensivas em Educação” conduzida pela professora Ana Maria Preve e ofertada no Programa de Pós-graduação em Educação da UDESC. As oportunidades chegam, e aproveitar estes momentos são parte da caminhada. Eu, como pesquisadora-educadora-artista e agora cartógrafa, estou disposta a mapear, navegar e seguir o rumo e “ver aonde isso vai dar”, ou seja, mais um atravessamento determinando os novos caminhos desta pesquisa.

Entrando em cena: meus primeiros contatos com a cartografia

Já faz um tempo que eu persigo a cartografia, acho que desde a graduação. Foi ao mesmo tempo em que me envolvi na Educação. Não sei bem quando, talvez em meados de 2000, por aí. Eu fui atraída pela cartografia, talvez porque desde criança gostava de mapas e de navegação, dessa ideia aventureira de descobrir novos lugares, territórios.

Acho que essa articulação da educação, mais especificamente a educação ambiental, com a cartografia veio junto com as leituras e textos do pensador francês Félix Guattari. Lembro-me do fascínio de descobrir “*As Três Ecologias* (subjativa, social e ambiental)”. Fiquei encantada com a possibilidade de incluir e considerar as subjetividades em pesquisas e/ou nas ações educativo-ambientais.

Claro que isso tudo veio misturado a toda uma vivência na época. Estudante de Oceanologia, uma área, sobretudo, das exatas, mas também trabalhando com arte em processos educativos, ou seja, questionando as formas de fazer ciência e ousando e experimentando novas formas de fazer pesquisa. Pedalando com os amigos, regendo coral, tocando piano, realizando oficinas nas escolas de periferia de Rio Grande/RS, e etc., tal como narrei no primeiro capítulo da dissertação.

A cartografia veio com a diversidade. Foi estudando os oceanos que mergulhei nas artes, nas culturas, nas comunidades pesqueiras e tradicionais, na antropologia, na música e na pesquisa em educação.

Mesmo considerando os processos como caminhos da pesquisa, eles ainda eram pouco incorporados como método. Desde aquela época, nos processos educativos em que eu estava envolvida, eram consideradas as imprevisibilidades, as subjetividades, o contexto e a intuição. Pensar educação para mim, logo de início, já veio como um conceito mais amplo e integrado, contudo, ainda muito focado no ato educativo, na proposta executada. O olhar para além disso, vinha como uma observação, no diário, mas que não ia para o relatório ou para a avaliação final do processo, mesmo sabendo que todas estas “externalidades” influenciam e transformam toda uma pesquisa-intervenção.

Um dos primeiros trabalhos em cartografia veio de um projeto de formação continuada em educação ambiental em uma escola em Paranaguá/PR, como citado anteriormente no primeiro capítulo. Foi um trabalho conjunto com os professores, a direção e os funcionários, no qual fomos criando um processo de acordo com a realidade e com os desejos destas pessoas. Começamos com histórias de vida e seguindo o fluxo, fomos caminhando com o que se apresentava. A cartografia socioambiental da Ilha dos Valadares veio do forte elo que todos tinham com a cultura local, com suas origens caiçaras, filhos de pescadores e fandagueiros. Foi com um olhar atento e sensível que propomos a contação de histórias sobre o lugar. A partir disso fomos todos conhecer estes pontos e locais onde estas histórias acontecem, sempre com muita conversa e reflexão sobre a importância e o resgate dessas questões. Ao final, criamos um mapa georreferenciado com todos os pontos culturais e ambientais da ilha. Este trabalho se refletiu nas práticas escolares dos professores e em ações coletivas comunitárias em que o objetivo era fortalecer os laços com o lugar e sua cultura.

Dentro da minha trajetória de pesquisadora-educadora, sempre vi a educação como uma construção, tanto de produção de conhecimento, como de laços e afetos, onde por meio das vivências e experiências, possamos aprender conjuntamente com todos e com tudo o que está a nossa volta.

Mesmo achando que fazia uma certa cartografia; hoje, refletindo sobre isso, me sinto como se estivesse na borda, sempre com um pezinho dentro, mas não com o corpo inteiro. Ou talvez, porque não enxergava a cartografia de forma tão ampliada como vejo agora.

Estar no meio: da ideia outra de cartografia

Entrar no mundo da cartografia novamente me fez acessar outros olhares. Algumas questões me marcaram bastante e também afirmaram a forma como gosto de fazer pesquisa e educação. Durante a disciplina da Ana Preve, quando começamos a entrar em contato com alguns autores que falam das suas pesquisas com cartografia nas mais diversas áreas, comecei a perceber a proximidade desta forma de fazer ciência com a minha pesquisa de mestrado.

Segundo Bedin (2014, p. 69/70), “a cartografia, da forma como aqui compreendemos, foi formulada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari [...]. O que os filósofos querem é pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formados e criadores de realidade”.

Essa ideia de cartografia como acompanhamento de processos é enfatizada no livro “*Pistas do método da cartografia*” no qual Kastrup (2012, p. 57) diz que:

A cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente.

Segundo a autora, “a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” (KASTRUP, 2012, p. 73). E como argumentou Bedin (2014, p.67), o cartógrafo “nunca sabe de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos. Na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo”.

A ideia de habitar um território vem dos movimentos e deslocamentos que fazemos nele. Para Bedin (2014, p. 68),

Toda pesquisa trabalha com territórios. Podemos falar em territórios subjetivos, territórios afetivos, territórios estéticos, territórios políticos, territórios existenciais, territórios desejantes, territórios morais, territórios sociais, territórios históricos, territórios éticos e assim por diante. [...] É preciso que o próprio cartógrafo esteja em movimento, afetando e sendo afetado por aquilo que cartografa. O cartógrafo cartografa sempre o processo, nunca o fim.

Sob este ponto de vista, nossas pesquisas são um meio, uma via, um trajeto, um deslocamento – um mapa, um processo único e singular! É uma forma de produzir conhecimento e inventar mundos, e o legal neste processo de criação é seguir o movimento, o fluxo daquilo que te chama à atenção, sentindo qual caminho seguir em frente. Este é o processo de criação e experimentação, pois o mais importante não é o resultado, e sim a caminhada e o quanto estamos aprendendo com tudo isso que estamos vivendo.

Ana Preve (2020, p.11) nos disse: “preste atenção, [...] habitar não é o mesmo que viver”. Eu realmente nunca havia pensado sob esta perspectiva e isso simplesmente expandiu meu olhar e entendimento de lugar, pois “mais importante que conhecer o mundo é habitar o mundo” (KASTRUP, 2020).

Ainda, segundo a autora, “defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga” (KASTRUP, 2020, p. 30).

Para uma pesquisa assim, os diários ou cadernos de anotação são peça chave, pois são os registros dessa navegação, daquilo que aconteceu, ou que está acontecendo, mas também as reflexões e questionamentos que traçam os novos rumos da pesquisa. E como já mostrei aqui, os diários para mim são uma fonte de inspiração e criação, e é por aonde esta pesquisa vem ganhando corpo.

Segundo Scareli (2021, p. 17):

Na perspectiva da cartografia, o horizonte sinaliza o inacabado, o inconcluso; evidencia que os processos se dão numa travessia. É durante o percurso que se descobre o que se quer, por isso que não há um roteiro predefinido tão claro de antemão, nem sempre há hipóteses e os objetivos podem ser modificados ao longo do processo. No entanto, os cadernos de anotações dos pesquisadores são portos seguros, dos quais eles devem se valer para anotar tudo o que acontece, o que lhes toca e lhes atravessa. Descrições, ideias, transcrições de citações, reflexões.

Outra questão interessante na cartografia é pensar que uma pesquisa possa ser sujada. Isso me salta aos olhos e me anima a trazer para dentro deste universo tantas coisas que, em outros processos, deixei para trás por achar que não podia fazer parte. Olhar para as mínimas coisas, e que não são diminutas, são somente invisibilidades daquilo que não enxergamos do ponto de vista que estamos olhando.

Ao longo desta experiência de perseguir a cartografia, percebi que há muitas maneiras de valer-se dela. Cartografia pode ser um método, mas também pode ser um gesto, uma ética, uma postura política, um modo de ver, uma forma diferente de fazer, ou simplesmente ser uma inspiração.

Como diz Scareli (2021, p. 6),

Em qualquer pesquisa, é indispensável que o pesquisador tenha como princípios a ética, o compromisso, o interesse e sua implicação em todo o processo. [...] é fundamental que o pesquisador possa criar suas ferramentas, estratégias e modos de fazer pesquisa, acompanhando os processos e interferindo no que for necessário para obter os resultados, o que evidencia um caráter inventivo e subjetivo ainda mais forte.

Não há como negar que esta pesquisa de mestrado transita pela cartografia em diferentes aspectos, e neste caso, vejo que ela está sendo uma mistura de vários ingredientes. O relato de uma pesquisa e seu processo formativo. Os encontros entre a arte, a música e a educação, onde a “cola” são as experiências, os aprendizados e as sensibilidades que surgem desta e nesta caminhada.

Educação: a arte dos encontros e das experiências

Ao refletir sobre a cartografia e os movimentos que fiz, percebi os milhares de encontros que tive durante esta trajetória de pesquisa em educação. Nesse percurso, ou melhor, nesta navegação, eu me perdia e me achava, e me encontrava nas falas dos colegas durante as disciplinas realizadas, nas frases de livros lidos e citados em minha escrita, nos objetos e na imaginação que era acionada nestes encontros todos. Nas derivas do pensamento muitas coisas emergiam, muitos aprendizados. Assim também surgiam as ideias sobre a minha pesquisa, e lá seguia eu para uma nova pista, um novo caminho, tateando e seguindo o rastro de algo que me afetou.

Vejo que nesse processo, a gente se coloca de corpo e alma no território, que não é só um lugar, mas o que se movimenta dentro e junto com ele, habitando e sendo habitado.

Ensinar é necessariamente atentar para a extensão dos próprios atos. É testar efeitos, experimentar ressonâncias. Deleuze estava certo, aprende-se no encontro com os signos, em um esforço cartográfico de significação e ordenamento dos afetos. [...] A relação pedagógica é um caso de necessária repetição, já que repetir é condição para criar o complexo presença-ausência que constitui o viver-junto da aula. Em tal complexo, há o encontro e o intervalo, há a aproximação, o afastamento e o retorno. [...] o desafio pedagógico não é exatamente habitar um espaço desde sempre disponível (a instituição, a sala, o ambiente virtual, o programa, o currículo), mas sim traçar conjuntamente zonas de contato, de troca e tensionamento. Ensina-se (e pode-se aprender) gestos, esforços, estratégias sempre relacionais, nas quais o saber estará veiculado. Ensina-se modos de proximidade, de se fazer presente para e a partir do outro (COSTA, 2020, p.8).

Para mim, processos educativos são feitos de encontros. Encontros de todos os tipos. Não somente entre pessoas, mas encontros com todas as coisas, objetos e seres que nos envolvem no lugar que nos encontramos. Um encontro com a natureza, com o vento que toca o rosto, com o silêncio de uma contemplação, com palavras e frases ditas, com os toques e abraços que chegam até nós.

“E como eu estou compondo com isso que vejo?” diz Bedin (2014). Pensar a pesquisa como uma forma de produzir conhecimento e inventar mundo e, abrir-se ao encontro, se movimentar, afetar e ser afetado produz muito sentido para mim. Parafraseando Deleuze (1988), “sem emoção não há nada”.

Segundo Dal Pont (2020, p.33), “na pandemia as experimentações com processos artísticos foram se constituindo como uma urgência da expressão”. Mais adiante no texto, ela complementa que a criação na pandemia “se dá como construção de exercícios estéticos para pensarmos juntos de que modo podemos fazer/ser diferentes e tornar “a vida possível” com a educação”.

Neste sentido, o encontro com as experimentações sonoras, que são parte deste estudo, surgiu como uma forma de fazer pesquisa durante a pandemia, ou como diria Godoy (2008, p. 85), uma mera manifestação da “impermanência da vida na sua potência de variação”. Um mergulho nas sonoridades das minhas vivências e experiências enquanto educadora ambiental metida a artista e, “musicar” estas lembranças e afetos de mais de 20 anos de atuação neste campo.

Quando comecei a pensar nas criações sonoras, alguma coisa ainda me incomodava, pois não queria simplesmente representar sonoramente estas memórias como se fossem somente uma outra forma, uma outra linguagem para “retratar” estes momentos. Até porque neste processo criativo, outras ideias e vontades brotavam, outras mensagens queriam se misturar e compor junto.

Com esta “pedra atrás da orelha”, como diz Raquel Stolf, fui pensando e refletindo, e lembrei da ideia de cartografia de Fernand Deligny. Isso me ajudou muito a pensar as minhas experimentações sonoras, pois, como diz o autor “tudo está na forma de fazer” (DELIGNY, 2020, p. 52). Para este educador, cartografar é um simples processo de acompanhar os movimentos. “Expor sem significar, sem interpretar” (MATOS; MIGUEL, 2020, p. 511), tendo sensibilidade ao que está acontecendo, às singularidades do momento, sem querer/ obter resposta ou explicação qualquer, somente uma tentativa de mostrar, apresentar e tornar visível o que se apresenta em mim. Eu diria uma oportunidade de se permitir para algo novo, inusitado, para novas formas de fazer e experimentar.

Como diz Bedin (2014, p.66), “todo cartógrafo é um artista”. Na arte dos encontros e das experiências estéticas e sensíveis os processos educativos acontecem. “O mínimo gesto, a mínima palavra, o mínimo silêncio, como se sabe, contam, não tanto para que um saber se desenvolva [...], mas mais fundamentalmente para que uma vida possa de novo ter lugar” (OGILVE apud DELIGNY, 2015, p. 283).

Hoje não me preocupo mais se o que estou fazendo vai ser considerado uma pesquisa, pois para mim, ser uma pesquisadora-educadora-cartógrafa-artista é se encantar com os mistérios da vida e estar aberta as potências que existem no ato de criar, inventar, experimentar, viver, ouvir, sentir e intervir no mundo. Isso é ser-viver pesquisa e educação!



3

EXPERIMENTAÇÕES SONORAS:

memórias,
afetos e criações

OS SILÊNCIOS E NÃO SILÊNCIOS DA/NA PANDEMIA¹¹

Quais sons nos habitam neste momento?

Que paisagens sonoras nos envolvem?

Em meio à natureza, onde preferi estar neste momento de pandemia, guardo comigo as sonoridades que me cercam/atravessam: uma coletânea de sons que representam o meu dia a dia e que escolhi fazer reverberar para além de mim.

Nambu canta cedo, uma música forte e determinada a encontrar seus pares.

O dia aqui é repleto de sons, muitos pássaros de todos os timbres e melodias... As árvores vem dançar ao sabor do vento. Quando o vento as toca, suas mensagens vindo de longe são anunciadas.

No caminho da mata, ouço o resmungo das folhas secas ao pisar. Observo os vários animais escondidos. Eu os rastreio pelos sons que fazem em melo a serapilheira.

A sinfonia das águas se ouve de longe dentro da mata. É um murmúrio melancólico que purifica nosso corpo através do ouvido. Seu som entra lavando por dentro, que nem quando lavamos nosso rosto.

Os sinos, ao descer do sol, anunciam que é hora de rezar e reverenciar, agradecer a vida e sua sinfonia maravilhosa.

As vozes e os instrumentos juntos evocam nossa natureza divina. Nos conectamos e entramos em harmonia, uma conexão com os seres de dentro e de fora.

A natureza se comunica e, dentro deste universo, eu busco uma comunicação. Converso com os pássaros, as árvores, os grilos, os ventos e diversos outros seres e colsas. E me pergunto: Quais sons eu escolho ter em minha vida? Quais sons quero a minha volta? Quais sons desejo produzir para compor a grande orquestra da vida?

A escuta vem do silêncio. Não a ausência de sons, mas a oportunidade de ouvir os outros seres a nossa volta e se sentir parte desta orquestra musical.

Em meio a natureza, onde preferi estar neste momento de pandemia, guardo comigo as sonoridades que me agradam. Sons que me tranquilizam, me protegem e que me mostram quem eu sou. Uma composição de misturas e de sonoridades diversas que se relacionam entre si.

Aqui não há competição, todos tocam e compõe em união. Há inúmeros silêncios e muitos outros não silêncios! São músicas que habitam meu horizonte e que fazem parte de mim. Sons que escolhi e que desejo sonorizar e compartilhar. Sons que alegrem meu corpo, minha mente e minha alma!



11 Gravações feitas em área rural e no Centro Budista na cidade de Três Coroas – RS.

Acesso a experimentação sonora



<https://drive.google.com/file/d/1PDAvEbkmsk5O16Oh462Se6bLsy7yMDGz/view?usp=sharing>

Acesso pela Anecoica



<https://anecoica.org/os-silencios-e-nao-silencios-da-na-pandemia>

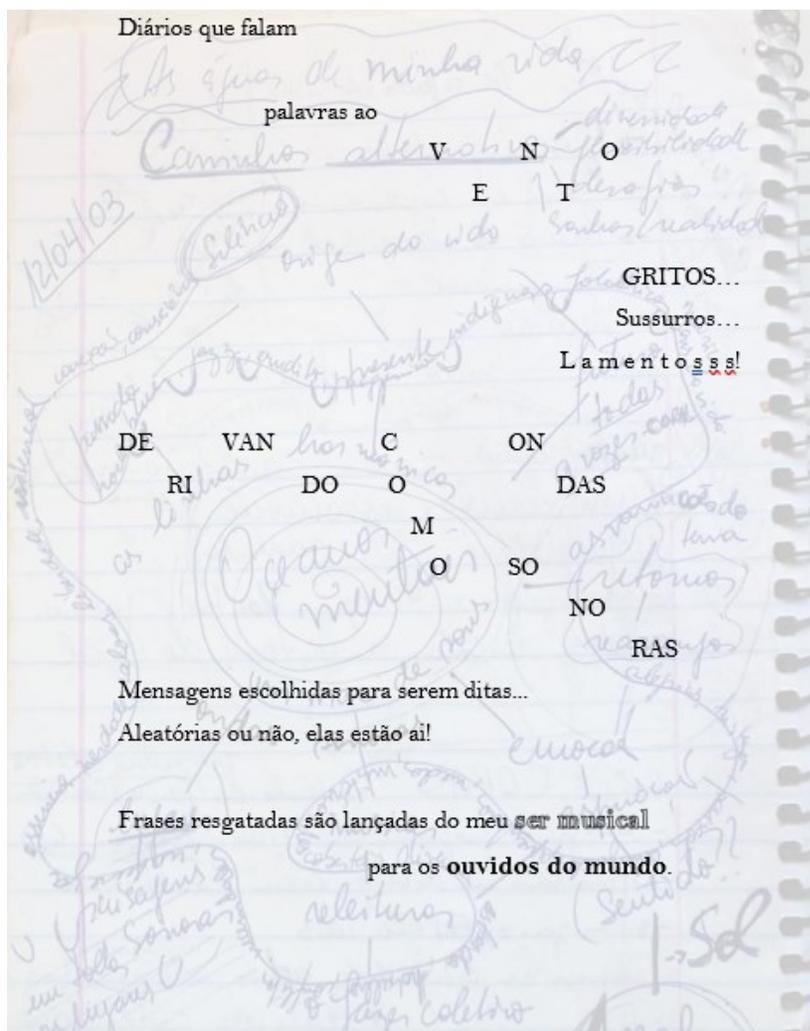
DIÁRIOS FALANTES: O QUE OS SONS E AS PALAVRAS NOS DIZEM

Revisitar diários antigos, mergulhar nos escritos sobre experiências e reflexões sonoras e escolher o que te toca. Recortes aleatórios para uma composição nova repleta de significados outros.

Acesso a experimentação sonora



<https://drive.google.com/file/d/10C5iLU4O1ov7e6iNZOrV0tMzuc3jQZa/view?usp=sharing>



INFÂNCIA À DERIVA

Que sons nos compõe enquanto infância vivida?

Das brincadeiras no mato e aulas de piano derivam sonoridades de uma infância feliz. Lembranças de um encontro entre paixões: música e natureza!

Acesso a experimentação sonora



<https://drive.google.com/file/d/1saPL-4P5QMKESGMCDtj4JnjFow3w5Hm2/view?usp=sharing>



Infância a deriva

Pererecas, SARACURAS, tarãs, boiadeiras...

... piano, vlns, bateria!

Uma infância recheada de música e natureza.

Misturas que soam como o d s o o a
n a s n r s,

às vezes **alto**, às vezes **baixo**.

ESTACATO, *legatto*, **allegro**, gracioso, *moderato*, *dolce*, *vivace*.

crescendo, *diminuindo*

r a l l e n t a n d o

p i a n i n h o.

Memórias e vivências que afetam e transformam o ser.

Busca incessante por **harmonia** e **conexão** entre mundos

aparentemente distantes.

Diálogos sensíveis entre paixões

M u s i c a r a v i d a,

um encontro com a **arte** de ser **natureza!**

AS SONORIDADES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Se eu fosse pensar sobre educação ambiental,
que imagens e que sons teriam?
Que imaginação sonora me atravessa a
partir das vivências e experiências
que tive com a educação ambiental, a arte e a música?



Tantas vivências, tantos encontros, tanto risos e paisagens sonoras...

A educação ambiental para mim é repleta de sonoridades:
reais, imaginárias, ficcionais, humanas e não humanas!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já se passaram mais de dois anos e o que eu poderia dizer desse processo todo de pesquisa e de escrita? Muitas coisas aconteceram, mas revendo e olhando essa produção, gostaria de tecer algumas questões que dentro desta caminhada ficaram bem demarcadas e que considero importante evidenciar.

Como já disse, eu venho de uma formação acadêmica das ciências exatas, das ditas ciências duras, e desde a época da graduação, eu já buscava uma ciência mais sensível, interdisciplinar, mais integrada à nossa vida, na qual é possível falar sobre as experiências vividas durante o processo de pesquisa, unindo teoria e prática, ser humano, natureza e cultura, tudo junto e misturado. Uma ciência mais intuitiva e mais leve.

Esta ciência da qual me refiro traz uma forte crítica aos dualismos cristalizados na Modernidade e se ocupa a olhar para uma ecologia menor, para aquilo que passa despercebido aos nossos olhos, ou como diz Leandro Belinaso “para as inutilidades do mundo”. As pesquisas do grupo Tecendo: arte cultura educação, da qual faço parte, se movimenta através das articulações entre áreas do conhecimento e no encontro com a arte, com as experiências estéticas, entendendo as pesquisas como um processo de investigação, mas também de intervenção e criação do mundo.

Neste sentido, ser e fazer parte do grupo Tecendo foi um presente e um deleite, pois foi onde me senti livre para fazer o que acredito e o que faz sentido para mim. No atual momento em que estamos vivendo, estar junto a esse grupo me trouxe muita alegria e tranquilidade para realizar esta pesquisa, um trabalho que me traduz.

Por falar em momento atual, o isolamento abrupto e a pandemia da Covid-19, foi e está sendo muito difícil para todos nós. Se somente isso não fosse o suficiente para nos deixar mais vulneráveis, a realidade social, ambiental e política que estamos vivendo foi uma espécie de “trator”, revirando, amassando e passando por cima de tudo. Quem tem uma visão mais sensível sobre as problemáticas socioambientais, está muito, muito, difícil, para não dizer revoltante.

Como meu trabalho faz esta articulação entre a educação ambiental e a arte, gostaria de trazer algumas músicas que traduzem um pouco o que penso e sinto sobre o atual momento ao qual estamos passando no Brasil e no mundo também. Muitos artistas expressam seus pensamentos e sentimentos nas letras e sonoridades, trazendo mensagens e críticas, ou até mesmo denúncias sobre as mais diversas injustiças que existem.

No ano passado, Arnaldo Antunes lançou a música “*O real resiste*”¹², falando de todos esses “monstros” que nos assombram.

*Autoritarismo não existe
Sectarismo não existe
Xenofobia não existe
Fanatismo não existe
Bruxa fantasma bicho papão
O real resiste
É só pesadelo, depois passa
Na fumaça de um rojão
É só ilusão, não, não
Deve ser ilusão, não não
É só ilusão, não, não
Só pode ser ilusão

Miliciano não existe
Torturador não existe
Fundamentalista não existe*

12 Caso queria ouvir a música. https://open.spotify.com/track/4ZfVnvhBy9JmrOK0gnKwe8?si=PcHGhuEaRNiI5ifHu3wDdw&utm_source=whatsapp

*Terraplanista não existe
(...)
Desmatamento não existe
Homofobia não existe
O inferno não existe
Tirania eleita pela multidão
O real resiste
É só pesadelo, depois passa
Lobisomem horror opressão
Não, não, não, não*

Eu poderia apresentar vários outros artistas, mas gostaria de trazer mais um trecho de uma música do Cidadão Instigado, uma banda cearense de rock alternativo psicodélico. A música “O Caboré e o presidente¹³” lançada em 2002 me representa e nos diz muito sobre o atual contexto político brasileiro.

*Verás com teus próprios olhos meu filho
O que é a força dos poderosos
Por cima de todas essas vidas
Vão passar uma vasta avenida
Pra ver gringo em seus carros sorrindo
E ter os sonhos e orgulho dessa gente
Grudando no asfalto ainda quente*

*Já sei o que fazer mãe ói que sei
Vou falar com o nosso presidente
Falar pr’ele ajudar toda essa gente a sobreviver*

*O caboré num sei de onde arranjou o telefone
Mas infelizmente não conseguiu entrar em contato com homem
Mudo ele ficou e derramou uma única lágrima
Seca, amarga e solitária
Confundindo a sua inocência de criança pura
ao escutar novamente o trem lembrou das pessoas, do asfalto quente
E do presidente ausente e implorou*

*Ô mãe me esclareça por favor
Eu sou criança mas meu coração já sente dor*

13 Atenção, esse rock é mais pesado e bem barulhento. https://open.spotify.com/track/63Ou-6o5WASu3GvNwh2ChxG?si=SyoYdiZJRve59a3QYy1cmQ&utm_source=whatsapp

Não sou mais criança, mas confesso que meu coração sente dor ao ver o sofrimento alheio. E nesta pandemia, isso aconteceu muitas vezes. Nessas horas, busco nas artes e na música um alento, um conforto, uma esperança!

Acho que as mensagens trazidas nas letras dessas músicas dizem muito sobre o que estamos vivendo, e acho que respondem também do por que foi e está sendo difícil fazer pesquisa e ciência no Brasil atualmente. E como já afirmei em algum outro momento desta dissertação, de que não há como separar nossa vida pessoal de nosso trabalho intelectual, não para mim pelo menos, todas estas coisas se misturam e se refletem na minha escrita, naquilo que quero falar e transmitir. Em vários trechos dessa dissertação isto está explicitado.

A arte e a música, em muitos casos, não conseguem ficar indiferentes a esta situação, e a educação ambiental também não. Acredito que toda ação é política e, neste caso, eu escolho um lado. Este foi um dos motivos de eu ter me tornado uma educadora ambiental. Sou ambientalista e educadora por acreditar que existem outras formas de se relacionar no mundo. E neste trabalho, assim como em minha história de vida, busco combater as violências e injustiças que existem e que chegam até mim. Vivemos tempos cínicos e precisamos ter a coragem de propor alternativas contra esse modelo capitalista, que em busca de poder e dinheiro, desrespeita todas as formas de vida desse planeta.

Mesmo com essas dificuldades todas, acredito que são nesses momentos que mais precisamos estar em espaços como as universidades. Falar das nossas histórias de vida, das nossas experiências e vivências enquanto educadores e pesquisadores é importante, assim como é fundamental registrarmos como foi fazer pesquisa em plena pandemia. Como afirma Belinaso (2021), “há que se lutar pela criação de espaços e de tempos para estarmos juntos compartilhando

aprendizagens e para não nos entregarmos às competições, às anulacões do outro e, sim, às práticas de solidariedade e de liberdade. [...] A Universidade, insisto, pode nos formar para a vida, afirmar a vida, uma vida como arte, como gesto e potência de criação”.

E POR QUE EDUCAÇÃO AMBIENTAL? POR QUE MÚSICA? POR QUE ARTE?

Aprendi nesta caminhada pela educação ambiental de que necessitamos de uma ética e de uma estética. A impressão que tenho é de que perdemos a sensibilidade de olhar para a natureza considerando as diferentes formas de vida.

Não quero preservar o “bichinho e as árvores” porque dependo deles para sobreviver. Quero que os “não humanos” sejam livres e possam, assim como eu, humana, viver e conviver sem medo. A noção de utilidade para nós humanos é egoísta e interesseira, tanto que alguns seres nos servem e outros não. Temos que parar de olhar para a natureza pela sua funcionalidade, ou pelo quanto ela nos é útil. Na própria área ambiental isso também é bastante disseminado, pois a defesa da preservação da biodiversidade, muitas vezes, vem atrelada a uma condição de garantia de sobrevivência da espécie humana.

O que busquei, nesta pesquisa, entre outras coisas, foi desenvolver uma escuta sensível, com respeito e atenção aos seres vivos e não vivos também. Acho necessário e urgente levantar esta bandeira e promover uma cadeia de solidariedade com os não humanos. Não tanto porque são importantes para nós, e certamente são, mas para que possamos nos sentir parte deste mundo, coabitando esta teia da vida. Não somos mais especiais do que eles porque somos seres ditos racionais.

Aliás, acredito que o uso exagerado do racional nos limita enquanto campo de possibilidades e minha aposta para a educação ambiental é de uma educação mais viva, mais sensível, mais artística e muito mais sonora.

Já faz um tempo que a articulação da EA com a arte e a música existe em minha vida, e continuo acreditando nesta agenda. De pensar e praticar a educação dos sentidos. Deixar de lado um pouco a razão, e abrir espaço para a intuição, para a escuta, a observação. Silenciar nossas mentes e ouvir o que o universo tem a nos dizer. Sentir os processos, ouvir e conversar com os seres e coisas que nos rodeiam. Deixar o mundo se expressar diante dos nossos olhos! Se queremos transformar o mundo num lugar mais feliz e saudável para todos, talvez tenhamos que pensar também em quais paisagens sonoras outras vamos criar ou manter.

Em relação às perguntas de pesquisa que ousei trazer aqui, não sei se preciso responder mais muita coisa, pois acredito que a própria trajetória narrada e as experiências que realizei neste campo de articulação entre a EA, a arte e a música ao longo desses anos todos dão consistência e demonstra o quanto a arte é capaz de desenvolver a sensibilidade, indicando um caminho outro para os processos formativos.

Para mim, não há dúvida de que a arte traz outras perspectivas, pois o mundo se transforma à medida que mudamos nosso olhar. A arte na educação nos possibilita outras linguagens, outras formas de ver e entender o mundo à nossa volta. Nem tudo se traduz em palavras. Os sentimentos e as emoções são experiências tão importantes quanto os conteúdos disponibilizados. As vivências mais sensíveis, aquelas que nos tocam lá no fundo do coração, são as que ficam guardadas nas memórias e se transformam, muitas vezes, em grandes aprendizados. São saberes e conhecimentos tão significativos que levamos como referências para o resto de nossas vidas.

Escutar é fundamental, e basta parar para ouvir os sons a nossa volta. As experiências musicais e sonoras acessam nossas emoções mais sutis. Quem não gosta de ouvir uma música e se emocionar com ela? Nos reconectar com a natureza é escutar a vida que existe dentro e fora de nós. E as atividades educativas envolvendo música e paisagens sonoras contribuem para que possamos ter essa escuta mais sensível do mundo.

É por isso que almejo uma educação ambiental outra, com menos razão e mais emoção, com uma postura ética, estética e política, e com mais respeito a todas as formas de vida. Uma educação com mais cores, sabores, cheiros e sons para despertar o artista que reside em nós. Essa é a minha aposta, um caminho possível e necessário para os dias atuais. Uma educação que se nutre de arte, imaginação e, por que não, de intuição. Uma educação menos pretensiosa, mas repleta de sonoridades, de encontros, de sonhos e experimentações.

A maioria das ações de educação ambiental com música ou paisagens sonoras, ou até mesmo com as outras artes em geral, utilizam estas como ferramentas de sensibilização em seus processos educativos. A minha defesa aqui é considerar a arte uma área de conhecimento, tão importante ou até mais considerando os dias atuais, com sua linguagem e forma de expressão única.

Talvez eu não possa falar pelos outros, mas posso dizer por mim, o quanto a música e a arte me preenchem e me enchem de vida. As experimentações sonoras que criei durante esta pesquisa, acionaram a artista que habita em mim. O ato de criação é uma descoberta de oportunidades e de potências. Nunca imaginei que seria capaz de elaborar uma composição sonora, por exemplo, mas me lancei ao desafio de fazer algo novo, e isso me surpreendeu. Pode não ser muita coisa, mais foi de grande aprendizado para mim.

Esta “espécie” de arte sonora foi capaz de me fazer voltar a tocar piano, de cantar e de mergulhar em minhas memórias afetivas. E mais que isso, nela eu pude mostrar a minha arte, a minha forma de fazer, ou seja, conectar, misturar e articular processos. “Por sermos tecidos pelas nossas experiências e pelas nossas tradições e experimentações é que se torna tão relevante se engajar em movimentos, mesmo que mínimos, de ampliação das nossas sensibilidades. Assim, podemos ser mais (ou um pouco menos) do que imaginamos e com isso temos chance de criar outros mundos em nós” (BELINASSO, 2021).

Por fim, deixo aqui uma música. Ela que abre o início e o fim de um processo, de uma caminhada que começou lá em 2019 no processo seletivo quando entrei no mestrado. No projeto apresentado trouxe a música *Kaira*¹⁴ de Arnaldo Antunes.

*A música muda você
Você muda mais alguém
Alguém muda outro alguém
Que muda você também*

*Você muda a cada momento
A música muda o tempo
Você é um instrumento
A música muda você*

Pra melhor, pra melhor, pra melhor

*A música muda o corpo
E a dança ajuda a mudança
A música de um outro
Desfaz a sua distância*

*O mundo muda você
Os outros te mudam muito
Você muda pra crescer
A música muda o mundo*

14 https://open.spotify.com/track/4ijb3JbEvLg57J9iJBjYPO?si=YvR_DGWWReKbGoTTX-6gBTw&utm_source=whatsapp

Pra melhor, pra melhor, pra melhor

*A música muda o vento
O pé também muda o chão
Assim como o pensamento
Muda sua sensação*

*A música muda tudo
E tudo muda você
Você é você porque muda
A música ajuda a ser*

Bem melhor

E a vida segue, de preferência sempre recheada de muita arte e muita música. Mesmo saindo do mapa, a navegação contínua, pois o fim nunca é o fim, é sempre o recomeço de um novo caminho!

POSFÁCIO

A partir da escrita, podemos ouvir a voz de Catia, que nos faz dançar sobre a linha do tempo da Educação Ambiental no Brasil, ao trazer à visibilidade as suas narrativas de artista, regente, pianista e educadora.

A autora nos convida a visualizar um recorte da genealogia da Educação Ambiental brasileira, passando de bicicleta arte/educadora por diversos setores das organizações civis, ONGs, regendo o canto do coral e aterrissando no Ministério do Meio Ambiente num momento-chave em que a EA teve a garantia e a excelência de seu espaço institucional. Mas, o testemunho da escrita traz também o desencanto da destruição das políticas culturais e ambientais, das quais foi protagonista e ativista, momento em que a sua paixão pela Natureza a recolheu para protegê-la na floresta de altitude da Mata Atlântica, na casa onde viveu durante a pandemia.

O entrelaçamento e a porosidade entre a Natureza e as manifestações culturais foram traduzidos nas paisagens sonoras que cartografou, ancorando as energias da filosofia espiritualista pela proximidade não só geográfica, mas também *eco afetiva* do Gompa, templo budista vizinho ao seu refúgio da floresta, que traz em suas bandeiras de oração a cultura universal da Paz. Neste livro, portanto, a espiritualidade tem seu espaço assegurado e celebrado.

Destaco neste posfácio, então, o que esteve todo o tempo presente e que ficou plasmado nas entrelinhas do texto, os encantos e os desencantos de sua caminhada pelas trilhas da arte/educação ambiental, seja pela sua atuação direta junto aos coletivos educadores de educação ambiental nacional, pelo seu protagonismo amplamente reconhecido nacionalmente, pelo pioneirismo em abrir frentes e portais de formação em campos áridos, na luta por políticas públicas emergentes

e provisórias, assistindo, durante a escrita deste trabalho ao espetacular desmonte de todas essas mesmas políticas ambientais, por isso, a incerteza, a impermanência, o desencanto se entrelaçaram nessa linha do tempo, sem, contudo, afetarem a leveza e a poética das performances das paisagens sonoras e de suas mensagens alentadoras.

Como bandeiras de oração, as vibrações desta escrita de Catia nos conectam com a energia espiritualizada de recomeços e novas insurgências cantadas, musicalizadas ao vento, ou melhor, aos novos ventos vindouros, aos novos diários falantes, para escutar a vida como uma paisagem sonora. Que possamos sustentar e honrar essa força de sonoridades num futuro próximo, fazendo também a nossa parte.

Dra. Cleusa Helena Guaita Peralta Castell

REFERÊNCIAS

BRASIL. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, Coordenação de Educação Ambiental, 1998.

ABREU JÚNIOR, Laerthe. **Conhecimento Transdisciplinar: O cenário Epistemológico da Complexidade**. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

AZAM, Geneviève. **CARTA A TERRA: E A TERRA RESPONDE – 1ª edição**. Minas Gerais: Relicário, 2020.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas. A Terceira Infância**. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda, 2008.

BELINASSO, Leandro Guimarães. In **Aula Inaugural “Universidade: lugar de afirmação da vida”**. PIAPE/UFSC, outubro de 2021. Acesso em 29.10.21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2TstqzPNul>

BERENDT, Joachim-Ernst. **NADA BRAHMA: A música e o universo da Consciência**. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

BOFF, Leonardo. **DIGNITAS TERRAE – Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAGE, John. **Silêncio**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Editora Cortex, 2011.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, vol. 7, n.2, p. 66-77, mai/ago, 2014.

COSTA, Cristiano Bedin da. Não há um fim. In: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; LULKIN, Sérgio Andrés. **Porque esperamos:**

notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210654>. Acesso em: 23/09/2021.

DAL PONT, Karina Rousseng. **A (im)possibilidade do mapa**. Tese (Doutorado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189033>. Acesso em: 24.06.20

DAL PONT, Karina Rousseng. Ceci n'est pas une école: suspensão, profanação, atenção, amor, responsabilidade, tecnologia, preparação. **Revista Alegrar**, n 26, p. 31 – 35, Jul/Dez 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar-26>. Acesso em: 23/09/2021.

DELIGNI, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições. 2015.

DELIGNY, Fernand. **Semente de crápula**: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la. São Paulo: n-1 edições, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário** - P de "professor" (Parte 3). Entrevista concedida a Claire Parnet, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pwp9nK3QWRo> Acesso em: 24 de junho de 2020.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras**. São Paulo: USP, 2001.

DUARTE JR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos**: a Educação (do) sensível. Curitiba/PR: Criar Edições, 2001.

FREGTMAN, Carlos D. **O tao da música**. São Paulo: Editora Pensamento, 1986.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo/SP: Peirópolis, 2000.

GUATTARI, Félix; RONILK, Suely. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GODOY, Ana. **A menor das Ecologias**. São Paulo: Edusp, 2008.

GOMES, Marina Lopes e. **Entre ruídos**: encontros sonoros de uma pesquisa em educação. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2019.

GUEDES, Adriana Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se: apontamentos para pensar a pesquisa educativa. In GUEDES, Adriana Ogêda; RIBEIRO, Tiago (org.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

GUTIÉRREZ, Francisco & PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

HANG, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização**. Entrevistado por Carles Geli. El País, Brasil, fev.2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html Acesso: 20.05.20.

HANSEL, Catia Rosana. **Paisagens sonoras: reflexões e vivências**. Monografia (Graduação em Oceanologia). FURG, Rio Grande, 2004.

KASTRUP, Virgínia. In **I Seminário Nacional de Cartografias e contra condutas**. Agosto, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oSR2FV5_yKc. Acesso em: 20 de maio de 2020.

KINDEL, Eunice A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre o homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...** Tese (Doutorado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2504>. Acesso em: 02.08.20.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LEGAN, Lucia. **A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente**. São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2004.

MARIN, Andréia A.; AVANSO, Claudio Pereira. SONS, CORPO, SENSIBILIZAÇÃO: Diálogos entre a música e a Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 22, pp. 401-416, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2832>. Acesso em: 03.10.20.

MARTON, Silmara Lídia. **Paisagens sonoras, tempos e autoformação**. Tese (Doutorado em Educação). UFRN, Natal, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14159/1/SilmaraLM.pdf>. Acesso em: 24.06.20

MATOS, Sônia R. L.; MIGUEL, Marlon. Conversação sobre Fernand Deligny e o aracniano. **Educação Temática Digital – ETD**. Campinas/SP, v. 22, n. 2, p.498-516, abr/jun, 2020.

MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MELLO, Maristela Barenco C. de. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 25: nov/2015 - abril/2016, p. 192-209.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane Paris; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diário como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. IN SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGAO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda Lucia Vitoriano; CORDEIRO, Mariana. **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Centro de Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Sueli Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MOLLISON, Bill. **Introdução a Permacultura**. Tradução de André Luís Jaeger Soares. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

OLIVEROS, Pauline. Auralizando en la Sonosfera: Vocabulario para el sonido interno y la emisión del mismo. In: ESPEJO, José Luis (org.). **Escucha, por favor** (13 textos sobre sonido para el arte reciente). Madri: EXIT - Publicaciones de Arte y Pensamiento, 2019.

OSTETTO, Luciana E. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In GUEDES, Adriana Ogêda; RIBEIRO, Tiago (org.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÒSSIA, Líliliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PEREIRA, Juliana Crispe. **Cartografias afetivas proposições do professor-artista-cartógrafo-etc**. Tese (Doutorado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172362>. Acesso em: 24.07.20

PREVE, Ana Maria H.. Habito, mas não vivo aqui: multiplicidade, linguagem e saber geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n.19, p. 05 – 22, 2020.

RACHE, Rita Patta.; PIANOWSKI, Fabiane.; CASTELL, Cleusa Helena Guaita Peralta. Caminhadas poéticas e concepções do abismo horizontal: a marca de Rio Grande na contemporaneidade da arte/educação. In PUCETTI, R. *et al.* (org.). **Compartilhar Narrativas sobre Formação, Arte e Ensino no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?** Coleção Primeiros passos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2002.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos.; CATUNDA, Marta Bastos; PETRAGLIA, Marcelo Silveira; SINTO, Carmemsilva Maria. ECOANDO RESSONÂNCIAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Descobertas, Conflitos, Diálogos; por uma ecologia sonora sensível. **Revista ERAS - European Review of Artistic Studies**, Portugal, vol.2, n.1, pp. 64- 83, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3725549>. Acesso em: 03.10.20.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SCARELI, Giovana. Os cadernos de anotações de Guimarães Rosa e de Eduardo Coutinho: algumas aproximações com a pesquisa em educação. **Revista PERSPECTIVA** (UFSC), v. 39, n. 1 p. 01-19, jan./mar. 2021.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso meio ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Coleção Educação: experiência e sentido. 1 ed. São Paulo: Autêntica, 2014.

STOLF, Raquel. **Entre a palavra pênsl e a escuta porosa**: [investigações sob proposições sonoras]. Tese (Doutorado em Educação). UFRGS, Porto Alegre, 2011.

SOARES, Magda; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas. In FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001(1992).

THOMPSON, William Irwin (Org.). **Gaia**: uma Teoria do Conhecimento. São Paulo: Editora Gaia, 1987.

SOBRE A AUTORA



Catia Hansel

Com formação em oceanologia, especialização em Arteterapia e mestrado em Educação, Catia é educadora ambiental há 25 anos atuando em projetos interdisciplinares de Educação, Meio Ambiente e Arte. Tem experiência em formação e processos comunitários participativos trabalhando com metodologias e vivências transdisciplinares, desenvolvimento humano e de grupos, permacultura e sustentabilidade, paisagens sonoras e arte-educação ambiental.

Suas duas grandes paixões: vida/natureza e música/arte fizeram com que ela buscasse uma forma de fundir, em sua atuação profissional, estas duas áreas, atuando em projetos socioambientais tendo a arte como construção de mundo e de conhecimento.

www.PIMENTACULTURAL.com

SONÂNCIAS E ESCUTAS EM PAISAGENS EDUCATIVAS

memórias,
afetos
e criações